a morte conforme conta a corrente

© 2023 by Luan Michetti is licensed under CC BY 4.0.

ao Bar do Kiabo

Ah ?que felicidade !!?É que ?eu brigo?, choro?, rio?, e brigo e x?ngo ?e deleto ?e bloqueio? e !!fico feliz ?e triste ?e dou ?castigo?, depois ?me arrependo ?e choro ?e rio e isto ?gera ?um mau ?estar nas ?pessoas? e gera ?desconfiança ?também.

?Mas ?uma coisa ?que eu ?não faço? é manipular? ninguém.?

Deixo ?livre ?pra pensar??.

SUMÁRIO:

Parte Um - Val's Hair Beauty & Style
1 · Manhã de Carnaval Orfeu
2 · 20 Anos Blue
3 · Agora Estou Sofrendo
4 · Namorar - Nega do Babado
Parte Dois - Boka's Lanchonete e Temakeria
5 · Dedicada a Ela
6 · Esta Noite Eu Queria Que o Mundo Acabasse
7 · Naquela Mesa
Parte Três - Bar e Mercearia do Capa
8 · Gosto Muito de Você
9 · Dio, Come ti Amo

Parte Um - Val's Hair Beauty & Style

1 · Manhã de Carnaval Orfeu

Sol de chuva. O mormaço rasgando lá fora. Tudo na mesma. Ventilador de teto. Piso gelado. Três da tarde. O salão vazio. O cerúleo suave do brilho do celular. O barulho das unhas no vidro.

Lá fora os pássaros cantam como se esse fosse o trabalho deles. Engraçado, porque Lohana tá no trabalho dela. Mas Lô não tem trabalho pra fazer. Ela não tem nada. Problema é esse. Tenta assoviar mas soa forçado.

E já é o sexto grilhão do dia. Ela bloqueia a tela. A vontade é de gritar. Novembro tem dessas.

Correntes, figurinhas, estáticos, prints de tuítes, tuítes de prints, memes velha-guarda do *facebook* no *facebook* e esses mesmos memes em resolução baixa — ironicamente, se supõe — no *insta*. Fakenews, news *de verdade* — o que chega até a ser pior —, tiktoks, *copypastas* BRs, *copypastas* gringas traduzidas, YPs, fancams, dancinhas, qualquer coisa. Conteúdos.

Ela quer esquecer, quer passar o tempo. Mas não tem ninguém pra distrair. Lô só tem a tela. Subindo, subindo. *Real*, pensa, *parece que pra sempre cê tá caindo nesse buraco*. Por mais clichê que seja, por mais batido.

Só umas quatro publicações que ela viu hoje falavam algo como isso. *Vício* em internet. A caveira macabra do vício. Se as coisas flutuam ao redor d'ocê, se tudo que cê vê sobe pra cima, é porque cê tá caindo. Pelo menos parece. É lógica de sonho. Espiralando. Toca de coelho abaixo em queda-livre. Cê vai se estabacar no fundo, se tiver.

E ela tava, ela percebia. Lô tava esperando ir de encontro ao fundo desse poço — se tiver fundo — pra provar da tensão superficial da água. Pra lavar o rosto, pra dar uma acordada finalmente.

Blackmirror é porque é uma reflexão... Assunto velho. Tá bom, Vó... Quando a verdade é uma platitude fica difícil. Quando entender é perder pra sabedoria de

charges existencialistas com nomes em objetos e reflexões nem tão boas assim. 'Navegar nunca foi seguro', coisas do tipo.

Desbloqueia o celular. Rápido, o padrão vai de automático. Um xis com base, um triângulo com antenas, da esquerda pra direita. A ironia não escapa. Sim, ela tá viciada. Sim, nem dez minutos sem. As postagens são as mesmas. Cópias, plágios, paráfrases, falsas atribuições. Tretas e tretas.

Os stories são os mesmos. Os ângulos, a perspectiva, os objetos, as pessoas, os lugares, as frases, os filtros. E a vida não muito diferente, verdade. O problema vai meio por aí, se desenvolve nessa linha. Não raras as vezes em que quão mais 'real', mais insuportável é a internet. Lô não é muito *de galeras*, dá no que dá.

Muitas das vezes os stories são só as postagens repostadas, o que é doido. Uma curadoria expressa, marca do processo de falar que leu e que concorda. Ou algo desse naipe. Nesse inútil. E o grave disso tudo colocado como óbvio quando cê já sabe os assuntos pelas caras, pelas ilustrações, pelas fontes ou emojis.

Todo mundo sempre acha alguma coisa. É cíclico. É desesperador. Sempre alguma coisa pra falar. Sempre a mesma coisa. A crise nunca foi estética: é estática. Aí ela vê um story do namorado. Igual a tantos outros que ele posta de manhã: o relógio de pulso e o painel da esteira da academia. Música botada, versos de progresso.

'*Bom dia*', quase nove horas atrás. O cara que mora com ela é um dos últimos que ela vê. É o algoritmo. E entender esse processo não ajuda. Ela curte, pensa em compartilhar com uma frase em cima, elogiando, paparicando, embolorando assuntos, mas não. Manda um emoji na DM. Ele vai visualizar se responder. Ela especula que, se recebesse também emojis como resposta pra stories, faria o mesmo.

E segue. Ela tem o dia todo. Ela não tem nada.

Não só coisas iguais, coisas *repetidas*. Lô tá largada nas redes sociais. Lô tá à mercê de quem também tá à mercê e por isso produz. A perda de tempo escancarada, gritada mesmo. Pra ela responder alguma coisa, online.

Os reels são o pior de tudo: tudo que envolve a verticalidade nos vídeos, tudo que envolve a tiktokzação de todas as coisas. As falazadas. Quantos limpas ela já não fez nos seguidores e nos que ela segue, pra tudo voltar ao normal depois e *o normal* ser mais do mesmo. O feed cada vez mais insuportável, te empurrando pra isso.

Mas, não for isso, Lô não tem nada. *Mesmo*. Os videozinhos. Trabalhadores mostrando processos, os ASMR, os brinquedos de criança, os 'cê sabia que...', areias, slimes, bichos, microscópios, sketches...

Bloqueia. De novo. Três ou quatro vezes, só hoje, só por agora. Ela bloqueou o celular só pra desbloquear de novo, ela sabe. E pra sacar o ruim disso não precisa sutileza nenhuma. Não tem nenhum grande mistério a ser desvelado. Tá *garrada* mesmo. Sabe. Despreza. Internaliza, esquece.

No reflexo da tela desligada ela se vê e se percebe esperando por alguma coisa — olhos encontram olhos — e pensa, sardonicamente, é claro: *tá aí uma crítica social*.

Sim, porém... Lô se pegava muitas vezes pensando nesse tipo de problemática, nos efeitos, nos entremeios, nos *longo-prazos*. Sendo isso mesmo consequência de ser cronicamente presente: os *thinkpieces*, as *hottakes*, as grandiloquentes análises sobre análises sob análises e por assim vai indo. Querendo acreditar num *útil* final ela passa horas, num aprendizado, talvez.

Quem sabe se a Dora, talvez a única amiga real, *carne e osso,* que ela tem, tivesse aqui — Lô queria que tivesse — o retroalimentante dessa lógica fosse mais óbvio. Dora gostava muito de tirar onda com a cara da Lô e isso tinha sua função. Já ia ser um assunto, ia ser alguma coisa. Um fôlego da centrípeta. Um impulso pra ser lançada pra fora. Dora ia suspirar, bloqueando também o celular, e desafiar:

'Então tá, *Lolis*,' trazendo todo o corpo como se fosse isso, agora, só elas e o *real* — aspas aéreas —, convincentemente esperançosa. 'Que é que cê propõe? Quer pegar um Monopoly dos netos da Val? Bora, um buraquinho, uma cacheta, ela deve ter um baralho'.

Nisso o celular de ambas apitando, convulsionando e gemendo enquanto a Dora esperaria uma réplica que não vinha. Isso, Lô imagina, num tempo livre, quando o salão fechasse pro almoço. E Lô tenta imaginar o que ela responderia. Real tenta. Mas não consegue. Que é que sobra pra fora dessas polegadas?

E mesmo nessa imaginação Dora voltava pro celular. Mas não em silêncio, não como uma barreira entre as duas, não como uma vitória. Mais como uma ocupação pras mãos. Só. Como um cigarro ou uma agulha de crochê. Que era o que era. Era o que era pra ser, também, pra Lô — a Lô sabia — mas já não mais.

Dora não se sente sugada, nem *sozinha* — ao que Lô pode perceber, ou imaginar. Dora não tá na *merda* como ela tava. Esse que é o foda. O isolante da coisa. O desesperador. O que faz com que a comparação exagerada com vícios e outros cíclicos não pareça mais tanto um exagero.

São três e meia da tarde. O mesmo sol por trás do mesmo nublado cobrindo como um manto os mesmos sons. Os pássaros num natural idílico, desejoso pra quem se vê por artífices. E o aplicativo já tá aberto.

Tá na mão. *Literalmente*.

Eis que, agora sim, lá vem: *o mesmo*. Produtos de cabelo; ilustrações políticas; fotos de biquini, pessoas vendendo biquinis, 'cê sabia que os biquinis há uns cinquenta anos atrás...' e o contexto histórico por um viés feminista de segunda onda. Fazem mais de três meses que Lô não entra na própria piscina.

E mais: infográficos, desabafos, notas de repúdio; gravuras dos jesuítas catequizando indígenas e negrinhos; o gato de alguém sendo a coisa mais feia do mundo, cheio de remela, gemendo como se sofresse. Um gay afeminado sendo engraçado. Outro cancelando o esteriótipo. Cenas comentadas de violência policial. Cenas *explícitas*.

É isso que pega ela. Que *pega*, como num baque. Uma turbulência no sono. É isso que meio que adoece ela e ela não curte. Não quer pensar nisso. Também não quer pensar sobre as implicações por trás de não querer, encavalando distanciamentos.

Lô passa antes que chegue nos finalmentes. Ela não quer ver. Não quer ficar sabendo. *Na moralzinha*, não quer. Se sente fragilizada, passa fisicamente mal.

Aí um porco-espinho de estimação — parece que cada década o Ibama solta um bicho diferente pra galera enrolar em lãs e colecionar; bem brasileira mesmo essa mania de bater o olho num bicho silvestre e querer passar a mão pra chamar de Pingo — um reels dum papagaio azul — ou o que seja — dizendo 'que foi?' e 'te amo' e 'nossa' e 'é?'.

Continua pra baixo: um meme absurdista de absurdo, um Kwai que tá sendo recontextualizado pra ser bom porque é ruim; outro meme; outro Kwai. Outro meme. Um grilhão. O sétimo só hoje. Alguma coisa escrita sobre se lembrar, sobre nunca esquecer. Mas não é como se ela esquecesse. Ela não é nem capaz. Mas ela queria. Tava pra isso. Era essa a intenção.

Alguém — que até pouco tava vendendo toalhas dos presidenciáveis — vendendo toalhas de banho da copa. Militância: a primeira imagem e todas as outras nove à direita em Arial 11 sobre o básico do básico da transição capilar. Uma foto aleatória. Uma publi de produtos pra cabelos naturais 3C. Um patrocinado de unguentos mágicos pra cabelos naturais 3C. Fotos de *villas* e vielas europeias.

Lugares. Festas. Uma foto profissional duma folha de árvore. Alguma coisa sobre a Amazônia. Pessoas felizes. Um flier de show. Uma samambaia bem cuidada num vídeo com as dicas. Um gato até ok tentando pular e caindo, seguido, agora duma compilação estilo Faustão e Video Cassetadas. Um desenho estilizado duma máscara de flandres.

Um meme, uma ilustração, um *edit* de cenas do mais novo reality de comida da Netflix, a montagem dum bolo, um ensaio fotográfico alimentício, a primeira imagem e todas as outras nove à direita sobre a história dos chocolates belgas, das mãos de chocolate, das mãos de chocolate de Antwerp... Com imagens. Com descritivos sentimentais.

Isso pega. Ela nem tava *aí*. Nem era sobre *isso*. Ao mesmo tempo Lô acha que já tinha que ter se acostumado. Se sente mal por se sentir mal.

Lô se deixa sentir uma sensação e muta essa pessoa, apesar de muito amiga. Amiga dela e da Dora, inclusive. Apesar de entender demais a intenção. Não é assim. Não numa Quarta. Do nada. Que doideira. O quão brutal. Assim. De cara. Como se tivesse educando pelo choque. Como se faltasse choque pra educar... Principalmente sobre isso. Atropelando quem já sente pra talvez, quem sabe, atingir quem não sabe.

Lô se percebe hiperventilando.

Percebe o ridículo, também. Nada disso é real. Sim, é *sobre* o real. Mas a postagem não era, os comentários — que ela leu, foi conduzida por forças maiores — não são reais. Pixels.

Lô se deixa sentir a sensação pra que ela passe mais rápido, é apoderada por ela. Essa sensação densa e física. Como um soco na barriga, como uma cólica em que a dor é tipo uma *ausência*. Um ruim pervasivo e dominante. Uma sensação de impotência.

Ela sente — mas sabe que não — que vai vomitar.

Passa. Lô vai arrastando essa sensação pra cima enquanto vê as outras postagens. Passa, mas deixa a saburra. Contaminando tudo duma apatia comiserante e miserável. Uma coisa que vai ardendo branda até ser quente demais. E ela sem perceber. Um segundo apoderamento.

É quase como se ninguém soubesse. Quase como se fosse injusto que, não sabendo, fossem felizes, enquanto ela, que já sabia, *que tá cagada de saber*, tá sentindo. Teve que ver. Teve que passar — de novo — por isso.

Então ela volta, muda pra barra de pesquisa, procura o perfil dessa amiga mutada, acha esse post e compartilha. Adicionou um texto acompanhando. Pontiagudo, sofrente. Atribuiu culpas. Tremeu escrevendo. Chegou a sentir — de novo.

Compartilhou mesmo. Pra que fiquem sabendo.

Só que se arrepende. Logo. Aí bloqueia a tela. Hiperventila. Pensa nas outras amigas dela que como ela iam passar pela mesma situação diante disso. Outro *mesmo*. Igual amantes olhando pra mesma Lua, só que a brancura é cegante e o contraste com o céu é desesperançoso e turvo.

Blackmirror é porque é uma reflexão... E no reflexo da tela que ela bloqueou — ela, preta, séria, *sem nada* — é demais pra suportar nesse contexto. Uma pessoa acuada numa situação, alguém vivendo numa luta contra nada. Contra ela mesma. Se debatendo contra imagens. Sufocada por caracteres.

Passar pra frente não resolve nada, Lô racionaliza, e racionalizar *faz parte*. 'Se é que indignação é uma categoria política, e a gente já devia saber isso a essa altura' ela tenta, 'tá tudo muito mal,' em voz alta até. Mas até mesmo isso, essa transparência e essa vulnerabilidade não são tão boas assim.

Lô levanta e vai pegar água. Em vez disso, pega café. A garrafa pesa, o líquido ainda solta fumaça apesar de ser da manhã. Sem açúcar, do jeito que ela gosta. Quem sabe dessa vez.

É que ela não tem nada pra fazer. Quem sabe alguma coisa nova. Quem sabe...

Na tela: um baile da cintura pra baixo, ótimo, lindo de ver; uma amiga numa selfie sem filtro, ótimo, tá linda; um doguinho. Uma charge onde um computador é um livro ou vice-versa, outra onde a cabeça duma pessoa é um ovo quebrado e a legenda é um trocadilho ruim. Esse amigo dela acha que é filósofo. Ele usa metáforas topográficas pra expressar profundidade. Ela curte, não faz mal.

Uma foto de flor. Outra foto. Alguém revendendo Avon. Não '*alguém*': a Dora. *Avon é foda*. Mas não choca. Dorinha tem o nome em todo MLM que se meteu no Brasil, é muito isso que ela faz no celular dela. Parece até bom, comparativamente. Tem uma pegada aspiracional, as piras da Lô sequer rendem descontos.

Lô tem nada, meu. Lô até manda mensagem pra ela e a amiga não vê. Lô manda mensagem pro namorado. Não responde.

Uma foto de casal, comemoração de datas. Alguém com *hashtag*-BLM na bio compartilhando violência policial, de novo. Ela tá dessensibilizada, o que é — pouco importante como isso venha a ser interpretado — um alívio.

A mesma cena de antes, outro ângulo. São quatro e meia da tarde. Em qualidade, dessa vez. O que aprofunda. Dessa vez ela não tem escolha, vai tão rápido, ela vê o corpo cair. O que desespera.

Estirado. Ela vê. E na legenda ela tá sendo *formalmente convidada* a sentir a sensação. Intimada, até. Como não sentir? A culpa de não ter sentido *de imediato*. Essa quase cumplicidade culposa, o sintoma da coisa. Acontece de novo. Mutar, bloquear a tela, voltar, arrepender, tudo. De novo. O mesmo. Se arrepender de se arrepender. Ao infinito.

É só uma quarta-feira. E ela não comeu nada, nem lembrou.

A bateria chama. Lô põe na tomada e se põe à tomada. Quase que quem tá plugada é ela. Ela pensa que aquele amigo ia adorar essa analogia. Então ela tuita. Contra e a favor dessa abstração. Ambígua, servindo a dois significados.

Lá, na outra rede, a fulana-alguém fez alguma coisa, segue o fio. 'Ninguém tá falando sobre isso, eis a thread concisa'. Fulano fez um feat com ela ainda, 'segue'. 'Mas cês não tão prontos'. 'Grave', isso e isso. 'A gente precisa normalizar'. Grave, aquilo outro. A gente precisa. 'Tem alguma coisa acontecendo na', uma thread. 'Tem é que DESnormalizar isso'. 'Pretinha, cê é...' e uma 'conversa necessária'. 'Sobre o fim do twitter, thread'. Mas nunca o fim.

Lô emersa. Lô submersa. Se debatendo. Feliz até, na serotonina do esforço.

'O problema do relacionamento aberto é que'. 'Acho necessário'. 'Eu quando'. 'Nota de repúdio'. 'Camarada'. 'Ademais a sua argumentação'. 'Só acho engraçado que uma pessoa com dois nomes relativos a planta não consegue sair desse site e ir lá fora deitar num gramado'.

E Lô cansa. *Sepá* era isso que ela queria. Ficar exausta. Os olhos arenosos de ler. E bloqueia o celular. O zumbido leve de ideias mais leves ainda quase embala.

Vai arrumando algumas coisas no salão. Reorganiza, acha que varre — não tem nada pra varrer. A mente dela volta pro app. Ela, também, tem alguma coisa pra falar. O tempo todo teve preparando respostas, tiradas, e argumentos, contra e a favor das coisas. É assim que te pegam. Passou o tempo todo pensando 'nisso'. E como 'isso' não é nada, é quase como se não pensasse. A sensação é boa, mas não dura. O *fix* é curtinho. E ela tem que voltar pra tomada sentar com o ombro no encosto.

Vai lendo. Galera postando pra ver se hita. Galera que hita postando que tá precisando de coisa pra comer. E não para.

O problema são os alistamentos, as convocações pra sentir coisas que ela não tava sentindo sobre assuntos com as quais ela não tinha nada a ver. Os *subtuítes*, os *em alta*. E mesmo os assuntos que eram sobre ela chegavam nela já duma maneira adoentada e desiludida. Nada pode ser só casual. Tá todo mundo muito infeliz. É como se ela tivesse sendo egoísta, ela vai sentindo. *Tá foda.* Ela era?

Só que nem essa constatação é *alguma coisa*. Se descer o suficiente ela encontra outra pessoa num *longer* tecendo esse mesmo comentário. O chorume da autoconsciência. De que 'tá foda mesmo', *e daí?*

Lô volta pro Instagram por uma vibe mais *duas-doses a mais de clonazepam*. Ter um momento menos intelectualizado. Menos *posteridade*.

Um cachorrinho que é uma gracinha rebolando pro forró que um cara toca no teclado, Lô compartilha. Uma alegria. *É uma alegria, pô*. Um fiapo. Até que enfim. Uma charge onde o celular é uma seringa ou vice-versa. Lógico, pipetas, petris. *Os likes estão para os fungos como os jetskis*... Uma crítica estéril.

A primeira imagem e todas as outras oito à direita em Times 9 sobre o papel dos brancos e a última deixando saber que o resto do texto tá num link da bio. Uma tese de Mestrado. Foi uma amiga que chamava ela de nomes no ensino médio que compartilhou. Lô ignora o cheiro.

Produtos numa postagem paga da Shopee: 2pcs Mictório De Viagem Adulto Portátil Pode Carro Reutiliza; Boca Para Treinamento De Pigmentação Labial; [Entrega 24h] Conjunto Do Gatilho Original Cbc B19-14, B19-17, B19-s, B19-x e B18-z; Shrek Engraçado Bonnet Chapéus De Tricô Chapéus Frescos Outono Inverno Primavera Verão Esqui Ski Will Smith...

Pessoas felizes, um casamento, gravação de show. Violência policial, não só, mas também uma retrospectiva. Os piores momentos só desse ano. Aquele homem que ela não lembra o nome — e só de não lembrar o nome ela já sente a sensação — sendo asfixiado até a morte na garupa duma viatura num vídeo que ela já viu mais de mil vezes e tá tendo que ver de novo pela milésima primeira e nem assim quando ela vê agora, tentando tirar os olhos — tentando —, ela deixa de sentir a sensação. Forte. Dilacerante. Humilhante mesmo, apequenada.

Bomba de maionese pra cabelos cacheados 3C. Primeiro negro... Troféu Raça Negra. Segundo negro a ser... Um gatinho. Uma flor. Uma pessoa escravizada amarrada num pau de arara com o que parece ser um tijolo no peito. Uma arara cantando *Man Down*.

Uma pessoa escravizada amarrada numa... foto colorizada. Uma pessoa escravizada jogada no chão como a carcaça dum bicho esperando a carriola do sabão. Trinta tiros. Vinte vítimas e um camburão. Errata: *em*.

Chacina, seis mortos. Madrugada passada. Com cinco tiros cada. Quatro suspeitos nessa tarde de terça. Pedem pra compartilhar. Até que chegue ao conhecimento. *Pedem*. Às duas da madrugada de ontem um jovem...

E a sensação é dum peso nas vísceras, um buraco. O sangue como que chumbo empoçando lá dentro enquanto falta nos braços.

A vontade de matar e morrer, mais morrer. A vontade é de se rasgar toda pra pegar essa coisa lá dentro com as mãos trêmulas e deixar cair no chão. A coisa toda molhada de sangue, pulsando, na frente dos pés.

E se ajoelhar com o rosto bem próximo pra tentar entender o que é. Pra estudar de verdade. Porque no fundo, no fundo mesmo, ela nem sabe. Nem ninguém.

Mas é que se não ver, Lohana não sabe se tem corpos no corpo da notícia. Se não ver, ela não compartilha. Mas é que *pedem*. É que *intimam*. Cê tem que. Do contrário, o quê? É Novembro afinal. Se ela não exercer a sensibilidade, quando ninguém mais, quantos outros?

Então ela vê. Então todos veem. E ninguém conta pra ninguém. Ninguém nem consegue. Tudo rodeia. Tudo é como se a substituição do que de fato é. E por já estar avisado, ninguém avisa.

Só compartilha.

2 · 20 Anos Blue

Aquela noite ele quis mostrar que sabia estourar pipoca. Não de microondas, que todo mundo sabe. De panela. No óleo. Cobertura doce e tudo. Sabores. Banquete. Dando o talento.

Não que ele não soubesse cozinhar. Não que *ela* soubesse, pra ser juíza. Lô era a filha mais nova. Saindo de casa foi comer só de RU e marmitex. Soubesse fazer alguma coisa, era só bife — duro, só as solas do Rider —, ovo e arroz. Cozinhar mesmo era o Nani. Ele é quem tem as manhas, apesar de não curtir muito. Aprendeu com a vó, foi o que ele disse.

Quando é a moça quem cozinha, como dita o discurso, tudo certo no mundo. Giros e elipses. Lô tinha muitas amigas nesse lance de *tradwife*, só não era a onda dela. Só que quando é o macho que cozinha: tudo vira uma espécie de show pra TV, um acontecimento. Olha-olha. Pelo menos nos costumes suburbanos e de-família, no normal do Brasil maior. O macho, quando muito, lava a louça. Falando enquanto faz.

Mas Nani não era assim. Ele não é. Ele ia fazer alguma coisa pra eles comerem enquanto assistiam filme. Só isso. *Lara braba*. Aquela noite eles tinham fumado e a casa tava vazia. Primeira vez da Lô chapada. Ele tava na *cuida* de alimentar bem a maconheira de primeira nave. Antes mesmo da pipoca, de café da manhã ele tinha feito omeletes.

O show sobre isso era mais ela quem fazia, como comentário.

Intrigava ela a ideia de estourar pipoca na tecnologia da velha-guarda quando o microondas tava ali e o armário cheio de pacotes. Pra quê? Qual era a sacada? Era um lance de retorno às tradições? Ela tava chapando nessas dúvidas.

Ele queria fazer um agrado. Era isso. Queria fazer amor com as mãos. Era desses. Ela não tinha o costume de receber. Ela sempre preferiu a *outra* posição — sempre sendo a que faz-por — ou em posição nenhuma.

Então ele foi pra cozinha e encheu o fundo da panela de pressão com óleo suficiente pra que quando virou os grãos o som era úmido. Que ele ia fritar as pipocas na gordura, ela falou da sala, era o que parecia. Tava inflando a bunda dela de propósito, tava sendo *feeder*, ela zuou. Ele nem sabia o que era isso.

Na dinâmica deles, ela era como que o supervisor de setor. Lô, quando queria, era uma exímia crítica das atitudes mais espontâneas. Tomava notas, tinha as tiradas. Era até boa nisso. E ele achava engraçado, parecia.

Assim eles se divertiam, pintavam de rosa as horas. Ela tinha um comentário pra cada coisa que ele fizesse, não importa o que. Ele não fazia nada quanto a isso, só ria. Uma risada amável, de malícia abrandada. Eles riam, ela sabia rir. Tavam sendo felizes. Isso antes que o Nani *não fazendo nada* fosse um problema. Isso antes que a Lô sentisse que não tivesse nada ou se sentisse sozinha.

Era fácil amar nessa época, verdade é essa. Foi como se devesse ter sido, quando foi. O clima era pra isso. *Amor-aerosol*. O tempo todo assim até pouco tempo atrás. Tinha qualquer coisa *ultrarromântica* no pós-apocalipse.

Foi por volta de Maio, depois que o mundo parou de vez e o tempo condensou em cada casa. Quando nada funcionava mais — incluindo a universidade dela — e nem devia, ela voltou pra casa da mãe e eles voltaram a ser quase-vizinhos.

A essa altura a firma que a mãe dela tava já tinha voltado aos meios períodos e trambiques. Enquanto ninguém denunciasse ninguém perdia o emprego, que de todas as coisas era a mais importante. Embora ninguém pudesse *perder o emprego* nessa época, essa regra só contemplava carteiras assinadas. Mesmo pra essas, litigar era baldear lagos.

Lô ficava sozinha boa parte das tardes com o EAD comendo na TV da sala. A irmã, Marina, não curtia ter companhia — na *sincera*, não curtia quase nada nessa vida — e passava o dia trancada no quarto.

Nisso Dora introduz o tal do vizinho — Hernane, Nani — que era um *crush* — ainda era a época do termo — de escola da Lô. Os três na mesma estadual. Lô, Nani e Dora na mesma classe até. As coincidências.

Ela era uma esquisita descompensada na época, mesmo que bonitinha — uma beleza secreta, ainda não disponível pra proveito no começo da década de dez. Tava passando por processos. Dora era popular e antipática, não passando por processos até muito mais tarde na vida.

Nani era *esportes*. Um corpo. Visto não poucas vezes de shorts, apesar do uniforme pedir calças jeans. As meninas viraram amigas uma da outra

porque eram as únicas retintas que não rivalizavam nos intervalos e — nisso de se tornarem amigas — dividiam música no fone. Coisas de indie-rock, boybands, Paramore.

Nani contou depois que sempre achou a Lô atraente e interessante, mas ela era muito sisuda pra ser *chegável*. Era muito *zuada* na classe pra que ele pudesse chegar, também. Adolecente vive de face. Que ele achava que ela era lésbica, talvez.

Eles já tinham se manjado algumas vezes, trocado '*oi*'s ou equivalentes nos frevinhos da travessa de trás. Ele fumando. Ela e a Dora num flertar minguado e tímido, se fazendo descoladas, contracultura. Mas não rolou. Mas a memória ficou lá, fermentando.

Só vendo ela chegar — alguém como que do estrangeiro, voltando por motivos maiores — ele já se interessou de novo. Em 2020. Nani e Dora já trocavam ideia demais, apesar da Dora não ser muito próxima. Tinha a ver com o trampo dele.

Então ficou combinado. Lô tava precisando dum chameguinho, era o parecer da amiga. Tava meio *down*.

Se enfiaram na casa da Lô a maior parte da pandemia. Três casas compondo um só núcleo residencial. Só de lembrar quem ele era, ali, assistindo as aulas dela com ela, ela tava fisgada. Um infantil dentro dela, um mal resolvido. Dele também, *sepá*, que sempre teve.

Dora foi dando os perdidos pra deixar eles sozinhos. Jogo feito. Romancinho de novela. Coisa de sem *depois*. Aí aconteceu. Conforme eles viam, diante olhos vivos. Eles se amavam. Como é que podia?

A dinâmica no começo foi como entrar numa piscina gelada. Primeiro aos poucos, aí recuando. Botando a pontinha-da-ponta das extremidades. Tomando coragem — perdendo. Até que o impulso de ir duma vez só desencadeou o escorregão que efetivou o ímpeto. Um erro feliz.

Concediam, conectavam, se consumiam. Era carnal, era arroubo.

Quase que por acidente já namoravam. Apresentações, oficializações, mímicas de casório. Nesse dia das pipocas, Lô lembra, eles tinham a casa dela sozinha pra eles. Nem Marina tava no quarto, o que era raro, nem

nada. Já era Julho ou Agosto e eles tentavam decidir se comemoravam um mês ou não.

As contas não batiam. As datas eram fugazes. Comemoraram mesmo assim.

Voltar pra casa foi difícil pra Lô, demais. Em qualquer outro contexto, voltar seria um golpe já forte. Coisa de deixar ela de cama e remoendo esse fracasso, porque ela é *dessas*. Porque era um fracasso dos grandes pra ela. A independência que ela conquistou '*lá fora*' — era assim que a mãe dela falava, 'lá fora' — não tinha preço. Ela tinha descoberto o que era ser gente quando foi viver sozinha e o medo de perder isso foi grande.

Que quase todo mundo *teve* que voltar pra casa dos pais devia tirar um pouco do sufoco da coisa. Era um fato, todos os estudantes do mundo tavam mais ou menos na mesma merda. Foi a primeira vez na história que os estudantes tiveram alguma coisa em comum entre si. Só que não tirava.

Ela se via fracassada demais. Quando as ondas foram quebrando na cidadezinha que ela escolheu morar — interiorzão, uma bolacha cracker a dez conto o pacotinho, um maço de paraguaio quase dez, também —, ela não tinha o que fazer. Não tinha estabilidade nenhuma pra se ter nessas circunstâncias. Não era uma questão dela ter lutado pra isso ou não. Um emprego de carteira, uma bolsa — CNPq, PIBIC, extensão, *diversidade* — um negócio próprio, o que tivesse, *o que fosse*. Até quem tinha mais de uma coisa teve que voltar. A vida minguou mesmo. Não tinha recaimento ou arrimo possíveis, ninguém tinha lugar certo pra morrer. E achavam que iam. Esperar era a morte manifesta.

Mas nem isso tirou o agudo desse fracasso que ela sentia. Lô achou que ia voltar a ter seus dezessete anos de novo e as crises de depressão profunda de quem sequer sabe que é doente. Os *difíceis* de ser difícil e precisar de cuidados.

Quando ela saiu pra fazer faculdade, escolhendo um curso que só existia *leras* de casa, saindo do estado — precisasse de alguém era doze horas de rodovia ou oitocentos-pila a passagem aérea —, ela tava preparada pra poder surtar sozinha e ver o que é que dava. Morresse, morria.

Escolheu pela lonjura pra justamente não ter ninguém da vida antiga por perto. Não ter a quem pesar. Todo mundo percebia que ela queria fugir. De fato queria mesmo. Começar de novo.

Os surtos de teimosia que Lô usou pra convencer a mãe de que era isso que ela queria deixaram ela ainda mais instável e inquieta. Aparentando ainda mais despreparo pra encarar essa vida. Preocupando a sério.

Sem brincadeira nenhuma, Lô quase foi hospitalizada na segunda-feira pós-ENEM quando, conferindo uns sete gabaritos não oficiais, não existia calculadora de TRI que segurasse ela em casa. O que tava segurando ela eram as condições. Quisesse fazer Medicina numa Federal menor, com essa nota aproximada, faria. E o que ela queria fazer era *só Arte* e essas paradas. Então já sabe.

Todo o jogo pra que ela tivesse o apoio da família nessa decisão de ir estudar *fora* tava em argumentar que sem esse sonho ela não era nada nem ninguém. Que, não fizesse isso, não se empenhasse e tivesse lá pra essas *novidades*, provável que morreria mesmo. Colocou assim, com todas as letras, doesse em quem doesse. Um ultimato. Que ela merecia um ambiente fértil pra fazer aquilo que ela já tinha o talento pra fazer. Que ela florescesse.

Da primeira chamada do SiSU até a véspera do dia de matrícula ela passou numa só crise, ameaçando medidas drásticas, se fazendo insuportável, juntando dinheiro pra aparecer lá e 'ocupar esse espaço'. Na época, ela ainda era *ocupadora*. Tava bem no começo de se entender *como*. Natural...

Nos bolsos só a passagem de volta e duas notas de dois pra uma garrafa d'água. Perdeu seis quilos. Lá, quando de fato foi, perdeu mais seis. A paradinha não era bem assim. Venderam uma ideia pra ela que *não era bem assim*. Não interessava, no entanto. A partir daquilo já sonhava outras coisas, galgava pra algo. Ia ser, não fosse...

Todo o discurso de que ela ia dar educação pras filhas pegou Lizete — a mãe da Lô — na culatra quando essa educação abstrata descambou nisso. Quando esse *valor* encontrou aplicabilidade na vida real, contra as vontades dela. A filha queria *ir embora* pra estudar, e agora? A filha ia ter um futuro, mas era um que ia contra a presença da Liz nele.

Lô usou esse argumento. *Não era 'o que eu não tive'? Pois bem.* Lô tinha esquematizado não precisar de dinheiro nenhum de ninguém pra mor do segundo semestre e esse plano parecia viável. Bolsas, bicos, a pensão do pai — que amou, apoiou, tinha feito menos que pouco por esse resultado e por ele se orgulhava muito —, que era pra ser arrastada como valendo até os vinte-quatro junto da procuradoria pública caso ele fosse dar pra trás. Prometeu que seria responsável, articulou que era justamente isso que ela precisava pra ser. Tudo fechadinho, tudo em planilhas.

Nisso a mãe cedeu. Deixou voar. Não é isso que mãe faz? Não é o que *tem* que fazer? Deixou ela encarar o mundo com a testa. *Trocentos* quilômetros de qualquer pessoa que a amasse. E que voltasse, que se sentisse bem-vinda a voltar, qualquer coisa desse errado. Podia dar. Que tivesse sempre na poupança o dinheiro sobrando pra passagem e um café com pão-de-queijo de rodoviária. Esperariam por ela, entre conselhos e afagos.

Mas quando voltou, por volta de Maio, a dinâmica era outra.

O mundo acabou, as coisas desabaram. Foi o fim da aparente de solidez do mundo. E longe de ser 'a depressiva e problemática', Lô meio que salvou todo mundo. Lô meio que se trouxe em utilidade.

Não é tanto que tivesse mudado lá fora, tanto por morar sozinha quanto pela vida universitária, embora fosse um pouco disso, sim. Nesse tempo que ela ficou fora ela pegou malícias que recontextualizaram a vida dela. É quase inimaginável o tipo de *merda* pelo qual ela teve que passar. Ela contava sem que acreditassem, como fábulas.

Mas não foi tanto por causa disso. Apesar de que mudanças tiveram· Isso inegável.

O que se deu é que a casa pra qual ela voltou — ao contrário da qual ela saiu — tava no descontrole. Pirando parafuso. Dona Liz não sabia o que fazer consigo mesma, tava off, tava *piruetas*. Katrina e Marina, as outras filhas, também não tavam lá nas melhores. A casa era a Lô — figuradamente — e Lô era a casa, agora.

O distanciamento social não foi fácil. Katrina tinha acabado de adotar uma bebê com a namorada e tava pagando ainda as parcelas do apartamento quando essas bombas invisíveis foram *dropadas* sobre os civis. Volta-e-mexe aparecia na casa da mãe, perturbada, perdendo esperanças, num luto em adianto.

Liz — quando Ká era mais nova, sendo a mais velha — era exemplo daquela posição social de fêmea-mãe biologicamente prescrita e irrevogável. Coisa de sacrifícios e martírios. Coisa de sabedorias intrínsecas. O anel menor que era a base.

E, feliz ou infelizmente, essa lona tinha caído há tempos. Muito no divórcio, em que a filha mais velha foi a agente maior. A ideia de que a maternidade era algo nato e pacífico nas mulheres tinha se esvaziado longamente na consciência dela em todos os dias que ela — enquanto mãe, se fosse sincera consigo mesma — soube que fechou sem saber o que fazer. *Perdidassa* o tempo todo sem alguém que a acudisse, senão as filhas mesmo.

Isso uma. A outra — a do meio, Marina —, em 2020, tava *crisando* igual a irmã mais nova tinha feito anos atrás. Parafusando legal. Tiveram que tirar a tranca do quarto dela. Nesse nível. Por pouco — orientadas pra melhor pela Lô no telefone, antes de voltar — não tiraram também a porta.

Nunca saiu, nunca teve grandes ambições, nunca gostou de estudar, *nunca muito nada*. Não dava trabalho, isso é verdade. Trabalhava. Tinha a vidinha

dela, encaixava essa vida na da mãe, por morarem juntas, e era só isso a maior parte do tempo. Nem namorar nunca namorou.

Problema é que perdeu o emprego. Na primeira semana dos noticiários. O tapete puxado tão rápido que ela nem percebeu o que significava. O que aconteceu é que encaixavam as contas também, mãe e filha. A partir daí elas não fechavam. Mãe e filha o dia todo uma na garganta da outra. Atrocidades.

E lhe morreram uns conhecidos — da Marina. Tragédias feias.

Entre essas necessidades e atritos, Dona Lizete passou mal os dois primeiros meses até que Lohana chegasse. De tudo que ela tinha *lá fora* — uma casa inteira, uma vida já feita — chegou só com duas malas.

Primeiros dias viveu só de funções endócrinas. Depois percebeu a dinâmica e se pôs à altura. Enquanto todas as pessoas surtavam sem saber o que fazer por não terem nada pra fazer por semanas a fio, Lô descansava da expectativa de fazer qualquer coisa sequer. Ela já fazia muito, já se gastava demais quando o mundo ainda era normal. Viveu a vida toda em emergencialidade.

Mais, ela se encontrou na função de dar ritmo pros dias na casa da mãe, inventar atividades, dar conselhos, clinicar, estar ali. Qualquer hora que ela tivesse sentada na mesa da cozinha rachando nas próprias ideias — no celular, não poucas vezes — alguém ia parar lá pra tirar uma lasca dela. Ou toda vez que tivesse vendo aula e o Nani ou a Dora não tivessem junto.

Era útil. Se fazia assim. Gostava. Lô sabia exatamente o que falar pra ajudar alguém numa dessas *situs* sem que isso custasse dela mais que o tempo e a atenção. Tempo e atenção que ela se sentia em dívida de dar. Ela era o *problema* anos atrás, afinal. Ela tinha fugido, afinal. Ela *podia*.

Embutindo também o dinheiro da pensão mais as migalhas do auxílio, trouxe as contas da casa de volta pro aceitável. Não *luxo,* aceitável. Dora e Nani, que passavam uns tempos lá por causa da Lô também contribuíram o justo e o exagerado.

Lô salvou cada uma dessas pessoas — não tem outra palavra senão *salvou* —, em momentos intermitentes, estratégicos. Momentos cujas crises eram capazes de desgraçar a vida de alguém pra sempre. Ela já tinha vivido

essas paradas. Pra ela era normal *achar que vai morrer*. Se preparar pra um futuro na incerteza de fazer parte dele. Tava suave quanto a isso.

Ela já tinha passado por poucas e boas tanto antes quanto depois de ir viver sozinha, e agora que era mais velha e tinha um cérebro inteiro, podia transbordar. Tava adulta, tava medicada, tava achando até um pouco de graça nesse posfácio. *Sepá* ela duraria umas semaninhas num apocalipse zumbi, sim. *Sepá* ela seria uma das últimas nas ruínas.

'Ninguém vai morrer nenhum dia esse mês não, relaxa. É improvável'. Ela foi pega muitas vezes falando, enquanto ria, até, quando alguém ia se preocupar pra perto dela, chorando. E iam até ela. Oracular. Amadora. Como um cachorro vai deitar debaixo da cadeira em que o dono senta, iam.

Finalmente era verdade que a doença dela era um tipo de *poder*, algo pique *uma especialização*. Não verdade-*verdade*, mas uma aproximação rasa. Uma forma de alívio. Isso foi uma coisa de forma alguma limitado à casa ou à cabeça dela.

Alguns *habitués* dos problemas mentais se viram fortaleza quando saúde mental virou assunto. Aquelas conversas de resiliência e fortitude que — embora sem base — serviram pra essa época, um pouco. As cabecinhas mais desajustadas no *velho normal*, contextualmente, pareceram ser as mais normais de todas. E finalmente não eram as únicas, ou a minoria, ou o discurso de um mês só. A vida espiava e tirava notas do básico do que eles já sabiam.

Muitos outros pioraram — muito por causa da pressão que essa expectativa exerceu —, inclusive quem tirava moral do hábito de viver se equilibrando nos limites. Muitos dos amigos da Lô, e que eram seus amigos porque eram como ela, vieram a morrer. Ela foi vendo isso acontecer na tela do celular. Obituários, enterros — até por live —, depoimentos, cartas de suicídio. Ela e a Marina se aproximaram nesse *em-comum*.

Negócio era que Lô, ao contrário da Mari, era versada. Muito porque precisava ser. Todos os truques, todas as rimas. Conseguiu instaurar os qualidade-de-vida, do tipo 'para de fazer coisas no seu quarto, Mari, pelo amor de Deus; seu cérebro buga demais, é por isso que cê não dorme'. Do

tipo 'bora tomar um sol, mãe, pega a tanguinha, faço um suco aqui, boto na mamadeira, até de noite cê já bebeu seus dois litros d'água'.

Só fluxo-fluoxetina. Ela tava pronta. Lúcida. Tava até meio velha. Um misto de acabada e sábia. Entre paz na tez e fé nas rugas.

De esgueio, na ignorância mesmo, a pandemia foi uma férias trabalhada. Ela tirou férias da imagem que ela tinha de si mesma como frágil, incapaz e redundante. Porque não poucas vezes Lô tinha se visto como um estorvo. Como uma tralha imprestável e *atrasadora* de vidas.

Tava diferente.

Ou pelo menos nos primeiros meses. Ela de natural já tinha um arcenal de farmaceuticos, antidepressivos, antipsicóticos, recreativos, a *porra toda*. Maleta de dentista. E no alerta-vermelho do *lockdown* ela tinha feito todas as ligações e tudo que era possível pra descolar as receitas sem data porque não se sabia. O bagulho podia durar mais s*emanas*.

Lá pro segundo ano da coisa ela não tinha mais nada. Em 2021 cê já não achava médico nenhum no SUS, tudo agendado pra mais de seis meses. Quem dirá um psicólogo. Todos os *psic-e-psiqui* do mundo ganharam desconto em alguma colônia de férias, ao que pareceu.

Lô não queria ter que se desgraçar numa *tentativa* pra ser levada a sério numa UTI e sair de lá, assinada pela mãe, assistida por ela, com pelo menos duas ou três caixas de genérico. Isso ia *foder* os esquemas dela. *Ela tava tão bem*. E ela nem tomava dos genéricos, os mecanismos de liberação são da geração passada.

Mas esse *bem* começou a se esgarçar quando ela viu seus estoques minguando. Quando, de repente, a vida voltou vagar e incansável e ela ficou pra trás nas mesmas filas de espera. Quando ninguém mais, senão ela, precisava se cuidar.

Quando as coisas voltaram e ninguém nunca foi triste.

Mas aí já eram rosas duma *outra* primavera. A universidade voltou pro presencial e ela não tinha créditos pra se formar nem dinheiro pra voltar pra lá. De repente — sem perceber, percebendo —, ninguém precisava mais que ela tivesse à toa.

Pelo contrário. De repente parecia que ela *gastava* sem agregar, acabado o auxílio, revogada a pensão.

Gratidão nunca nem viu, sequer esperava, mas nessas circunstâncias seria bom. Aí sim. Aí ela teve dezessete de novo. Quer dizer, não fosse o Nani. Não fosse o Nani na vida dela, e os momentos em que ele fazia umas graças pra mostrar que amava, ela nem sabia.

Passaram uns tempos assim. Muito depois desse dia das pipocas, muitos outros dias, muitos outros truques e manhas. E fazer na panela, sim, fez diferença. Só que cada vez menos.

Nesse dia, depois da lara e dos filminhos, ele chamou ela pra morar com ele. Coisa de *vida*. Isso Julho de 2020 ainda. A primeira vez.

Ela disse não. Não um *não* grave e definitivo. Um *não* de cautela. Um *não* que sinalizava que não tava muito nos planos dela morar com macho hora nenhuma. Bagulho era que ela não se via sendo sustentada ou limitada na rotina. Tinha o que fazer, tinha a família pra cuidar.

Mal fechado Junho desse ano, 2022, nem dois anos de diferença e de namoro, ela, finalmente, disse sim. Já era a quinta vez que ele perguntava. Ela já não tinha mais desculpas.

3 · Agora Estou Sofrendo

A Dora, que é quem faz manicure no salão, nem aparece lá senão nos dias de pico. Lógico. De semana ela tende a atender na casa delas. De motor. *Liga lá.*

Logo chega Dorinha meio chapada, meio *marolenta*, com a *bizinha* dela. Dentro do banco a maletinha rosa de viagem — de marca, *Delsey* — e, dentro dela, todos os estojinhos — é lógico, os *Michael Kors* falsificados, também uns da Hello Kitty —, as bacias, os descartáveis e o *standzasso* de esmaltes que ela tem. Toda corre-corre. Coisa de *tiktoker*.

É só no fim de semana que compensa mais estacionar na Val. É quando tem gente. E é sempre uma segurança ter gente à toa enquanto ela segue a agenda — a Dora.

Caso alguma cancele ela pode ratear a hora com alguém que já tá ali. Vapt-vupt. 'E aí, dona, quer fazer mãozinha não?'

Aí 'ai, é mesmo, olha aqui, *tá uó,* faz *aquela*' e tal. Sempre tem.

Trinta-e-oito conto a mão e o pé é um preço *xanti*. É *do caralho* mesmo. Procura aí, cê nem acha mais. Super competitivo. Por aí quarenta-e-cinco já é de-graça. Quarenta e a coitada já paga pra trabalhar. E Dora pagava.

No mínimo a mulher que faz unha toda semana quer ver — tem a *curiosidade*, pelo menos, de ver — se encontra uma manicure que ainda não sabe que ela é corna, que é *ex-alguma-coisa*, ou que o filho rodou com *isso,* ou que a filha foi morar com *aquilo*, etc. Uma mudança de ares, só que nas mãos.

E o preço corta muito a dúvida de *se compensa* fazer agora com essa doida aí pra depois ter que ir lá e fazer com fulana de novo, se ficar uma merda. Fulana que vai perguntar 'e aí *sicrana*', dando a entender: 'com quem cê foi fazer sua unha ein *sua vagabunda?*'

Quando a cliente aparece com uma unha diferente e cê é acostumada a fazer seu nome, *é foda*. Quando aquele dedo gordinho vai aparecer segurando o felpudo de outra página do insta é igual traição de ficante. Ninguém nunca promete nada, mas *se espera*. E a Dora pegava todas essas clientes fixas. Ratona mesmo. Tava nem-aí das-ideias. Era inimiga dos seus pares.

A cliente que faz unha toda semana quer ter pelo menos uma '*amiga*'. É, mais que os casamentos, sobre fidelidade.

Era sentar de frente pra Dora que essa dona não ia ter nem que se preocupar com isso de inventar que 'ah, é minha amiga que também faz, tava dando uma força pra ela' quando voltar na fiel. Dona *nem volta*. Nem pensa mais em outra pessoa com quem meter a francesinha.

Era a melhor mesmo, rendendo elogios. Ficava parada só se quisesse.

Mas ela preferia ficar '*parada*' na Val's no fim de semana do que ficar correndo na rua. Era muito melhor pra saúde dela, isso era. Essa vida de não ter canto nesse mundo senão pra dormir não compensa não. Ficar rodando-cidade destrói teu corpo demais. Ainda mais ela que era tamanho 52-54.

E ficar na Val também tirava ela do sufoco de ficar indo e vindo à toa. O circo de confirmar com a *loka* se ela vai tá em casa, se a outra *loka* chegou de sei lá onde que ela só lembrou na manhã daquele dia que precisava ir, de se *sei-lá-o-que*. Altas *paradas*.

O maior problema de atender na casa *das bonitas* é ter que voltar batendo lata. Volta-e-meia. E ela voltava com o dinheiro da gasosa — porque ela pede o pix *antes,* não é otária — mas sem a cliente. Aqueles cancelamentos de última hora que a pessoa só te avisa que saiu pelas cachorras se esgoelando de latir porque cê tocou a campainha e não tem ninguém em casa.

Ou ter que fazer unha no meio dum monte de poodles te dando bolinha, bebê engatinhando pra vir babar na sua perna, criança chorando porque a outra criança — que também tava chorando — *sei-lá-o-que* e o marido berrando alguma violência-doméstica do segundo andar do sobrado. E a *doninha* ainda defendendo ele. Atender em casa é entrar na vida das pessoas e ela tava começando a ficar muito de-boas disso tudo.

Conseguindo um salão dela mesma, ela nunca mais saía. Vendia a biz. Não conseguisse vender ia derreter pelo metal só pra ver destruída, pra fechar essa fase. Tava juntando pro curso de podologia. *PoDoraga*. Tava trabalhando ainda no nome.

Dora queria montar o estúdio dela, cientificar o talento que ela já tinha — pra não trabalhar no negativo.

Ela pagava pra trabalhar por isso: lucro mesmo ela só tirava vendendo porcaria. Quando cê é manicure, e boa, cê tem o tempo de venda ali aberto pr'ocê e o acesso à pessoa completamente desarmada. Ninguém te fala um *não* seco de centro-de-cidade quando cê tá com o alicate afiado. Ninguém te manda embora c'ocê ainda no dedo anelar.

Então ela era associada, revendedora, representante, embaixadora, ministra, caixeira, parceira, entendida, todos os nomes de todos esses negócios, contribuidora, organizadora de mulheres, super, inter, nível rubi, chá e biscoitos.

E nem é que as clientes não querem comprar coisinhas. Não é como se a Dora forçasse uma compra. Uma mão lava a outra, por assim dizer. Tudo se encaminhava pro ácido hialurônico, com até certa naturalidade.

Com isso, o salão da Val era *abirutado* com os produtos da Dora. Ela usava o espaço de estoque e, dum jeito meio simbiótico, o volume e a presença dos produtos decoravam o lugar e davam um ar mais intenso de *negócio*. Das tesouras ao alisante ilegal, era a Dora que dava o nome. E cremes, perfumes, jóias, utensílios de cozinha, *laces*, fibras, caixinhas bluetooth, tudo. Só de catálogos ela deixava uns 3kg na mesa de centro do Val's todo mês.

Nos fins de semana amarrava os pedidos, vendia mais coisas no *ao vivo*. Coisas assim. Nesses corres.

E a Val ama. Ela ganha uma comissão numas coisas maiores que elas combinaram e é *downline* da Dora numas firmas aí. Ganha uns mimos também por fora, de vez em quando — porque Dorinha é de agradar. Equipou o salão de secadores novinhos que ganhou de brinde só pra fazer essa graça.

Dora era uma amiga que a Val valorizava demais, apesar das duas não saberem o que fazer com essa amizade, uma que nunca iam ter, não fosse esse esquema. Dora era como que o espírito do lugar. Tinha tiazinha que vinha justamente por ela. Isso ninguém podia negar.

Conversa sendo um serviço incluso. A compra sendo algo como que o bar pagando o show ou as sobremesas pagando o rodízio. A coisa fluía. Val já tava cansada demais pra ser uma cabeleireira cobiçada. Tava coxeando os trabalhos. Essa profissão te gospe rápido demais, igual futebol profissional.

Mas com a Dora lá era um barulho que só. Assuntos em assuntos, conversas acontecendo do lado de outras conversas. Conversas paralelas juntando num ponto e divergindo logo depois, trocando uma ou duas integrantes no meio do caminho.

Interessante de ver, isso quando o assunto não termina em barbaridade. O ruim sendo que às vezes ele começa, continua e até mesmo termina na maior barbaridade imaginável e não se regulava nunca. Lolis falta sumir naquele *android* dela quando as clientes começam. Aí é triste.

O problema do Salão da Val é a *veiarada*. Umas tias bolsonaristas do nada comemorando massacres e gatilhando *a puta que o pariu pra fora do caralho de asa* dos fracos da Lolis com racismo. Dora nunca viu antes na vida dela uma preta tão em choque com violações dos direitos humanos. Coisa de afetar a alma da menina. De deixar ela em choque.

As paradas que cê ouve segurando a mão de branco não é brincadeira não. Mas *foda-se*, pra Dora. Ela tava tirando o dela, se garantindo pra nunca mais ter que lidar. A verdade é que ou é *agora* ou é *pra sempre* que cê se mete nessas, em algum nível. Se cê não der as caras *agora* e ser exposta um pouco ao mundo real — essa era a teoria dela — cê vai se foder mais pra frente. Não vai ter montado seu canto. E é na velhice que tudo pesa.

Não ferisse a integridade dela e não forçasse a Dora a ficar desconfortável na banquetinha, ela não tava nem aí. Vai fazer o que? '*É, subiram o morro né dona Neusinha, é, tudo bandido mesmo...*' E que *se foda*. Vai ensinar? Vai ensinar *de graça?*

Quando a cliente vem com um '*mas é seu mesmo?*' Ou '*onde cê fez isso? Parece que dói*'. Na inocência ou não, o tipo de conversa que se tem. O normal. O esperado, aliás. Dora vai de 'doeu demais, Sicraninha, faz não' e 'é, é *mandraka* mesmo que chama'. Despista, desilude, desinforma. Dentro da Dora o mundo era uma longa e gostosa tiração de onda e hora nenhuma ela ia deixar alguém estragar esse tempo que ela tava tendo aqui na terra.

Tem que ser assim, pra ela. Senão cê não vive. Só que quando ela olhava pro lado a Lolis já tava no celular, *meio assim*. Sem prestar atenção em nenhum dos dois ambientes. Gatilhadíssima. *Xingando muito* — por suposto — no twitter.

No celular Lolis ganhava e dava a chance de fingir que não ouviu o que falaram e fazer repetir, a chance de fazer pensarem melhor se é por aí mesmo que elas querem navegar — as clientes.

Ela — a Lolis — tem dessas de querer abraçar o mundo, querer cuidar — quando não curar — quem quer que visse ela como alguém pra isso. Tinha, também, o vício de achar que viam. Tava crente que esperavam alguma coisa dela.

Questão era que, pior: algumas das senhoras mais assíduas no salão da Val tinham parentes na PM-SP. Tensões vinham disso *direto*. Tanto com outras clientes quanto com a Lolis, que tá lá só uns três ou quatro meses ainda. Não era um número grande — de cabeça ela só conseguia lembrar quatro ou cinco — duas eram relativas do mesmo sargento, ou alguma coisa assim. Sobrinho duma, filho da outra, irmãs. Uma *outra* era mãe da primeira cabo mulher de alguma sigla qualquer aí dessas antidrogas *que repassam*. A última ela sequer lembrava qual era a dela. Dora tirava essas histórias só pra não ficar muito jogada no silêncio.

As pessoas gostam. Muita gente não tem isso em casa. É uma carência mesmo. Um mercado.

Nisso Dora *só preocupações* com a amiga. Com o salão também, enquanto ela só tiver o Salão da Val de *reserva*, ela tem que cuidar pra que flua. Equilíbrio delicado. Foi ela quem falou pra Val contratar a sobrinha, porque a Lolis precisava descolar um dinheiro fora do Hernane. Tava na hora. Chegou. E se não fosse a Dora não seria ninguém.

Alguma coisa no bairro em si produzia *as peças* e a carreira levava pra fora, deixando pra trás eram essas senhoras e uma leve aura. O desencaixe com o resto das clientes era palpável mesmo em períodos não eleitorais. Não tem muito o que explicar. Apesar de não serem, num geral, nem mais nem menos inconvenientes que as outras — em termos de serviço mesmo, de dia-a-dia, *ignorando o óbvio* — elas eram difíceis de ignorar nas opiniões.

Quando elas aparecem cê já se sabe que a Val vai ter que tirar a tevê dos canais do *gato-net*, das séries que ela gosta, e deixar na Record. Uma fascinação com violência urbana e ações. Um *fogo todo* pelos descritivos do medo.

As donas de casa têm um peso em programas como esses do Datena ou do *outro* Datena. Dora acha que muita gente esquece disso. Igual ficar falando '*eu sou rica*', '*papi soberano*', '*mármores-do-inferno*' e '*are baba*' por causa de novela, as tiazinhas ficavam falando de 'escondendo no morro' e 'bandidagem' e 'saidinha' e 'operação' por causa dos programas de televisão.

Coisa de cabeça transbordando na calçada e criancinha achada em vala *das-ideias*. Figuras chave da política de repressão como assuntos de à tarde, como era — e ainda é — quem fez ou deixou de fazer capa em revista. É nesse nível de descompromisso com o real, *essas fitas*. E a Val, apesar de ser mais elegante — e *fingir que não* —, é a maior de todas. De suar frio e vetorizar pra bolsa na presença de todo e qualquer *sub-16* de bicicleta. De ter três tetras.

E a Dora, também, era que dava corda pras bolsonaristas, gatilhando a Lolis. O dilema. Não tinha nada em que a Dorinha fosse melhor do que tirar grana de racista. E isso tinha. E isso *dá grana*.

Todas elas como que pra sempre naquela semana de choque depois dum assalto. É como se aquele iPhone dela fosse uma casualidade de guerra. Desmedida total. E sempre tem uma ou outra que sofreu uma violência *mesmo,* sem ser passível de análise. *Brasil, porra.* É assim mesmo. E essas pessoas até dá pra entender. Dora até entende. No luto e tal. Nos processos. Mas que é chato é. Uma energia meio marido-em-casa e ligar pra vir de carro, coisa de nem três quarteirões.

As outras clientes são mais tranquilas até. A maioria delas nem homem queriam ter. E *certas elas*, bocudas nessa certeza, inclusive.

Ao contrário dessas chifrudas que dão *o quente* pro macho deixar a amante antes de buscar a otária, as outras clientes são *porreta* e Dora gosta mais. Não poucas vezes as outras clientes *são* as amantes e a Dora fica sabendo.

Gostando mais, faz gastarem menos. Mesmo que inconscientemente. Porque ela sabe que o que ela vende é *remendo* e *esquema*. Vende pra fazer dinheiro. Sem ilusões. Só que com essas irmãzinhas que vão no salão ela só troca ouro. Mesmo que isso custe dela. E a Lolis achando que ia salvar o mundo no Geledés.

Pra cobrir o desfalque que essa consciência faz, ela precisa das pensionistas — a Dora. Uma ginga delicada. Um bagulho que elas têm que sofrer pras coisas renderem no fim das contas. Um sofrimento que a Lolis, percebendo o desvio de valor, pegando o *robinwoodianesco* da coisa, tem que engolir.

Mês passado política foi um tema pesado. Motivos óbvios. Até que Val começou a proibir, publicou qualquer coisa no grupo e na página do Instagram. Pediu pra Lolis, óbvio. E uma ou outra maria-botina deixou de aparecer.

Achando que isso ia melhorar o humor da Lolis — que tava *pivotando* na base da doideira por causa dessas campanhas de vira-voto, por outras coisas também —, Dora se deixou perder clientes. Tava até na vontade mesmo. A grana se juntava com folga. Mas não melhorou.

De uns meses pra cá, depois que se mudar pra casa do Hernane deixou de ser novidade — e, por isso, deixou de ser a esperança dum novo começo —, ela tem tido umas crises. Tava tendo antes de ir, também, mas perdeu a janela de resolver. Relaxou enquanto curtiam o novelesco da coisa. Só que volta. Sempre volta. Com ele em cima, agora.

E não adianta conversar. Não adianta nada.

Soubesse que ia dar nisso, Dora nem tinha apresentado. Era nos altos do contágio, coisa de saúde pública arranjar foda fixa pras amigas. Só. Nada demais. E Nani sempre foi um pedacinho, não tem o que falar. O mais-mais. Nada pra uma *empoderada* do que ser desejada pelo bofinho

que preteria ela, *tá na Bíblia*. Se era parte da doença ou era a cura, Dora não queria nem saber. Era pra ser uma transa. Só. Era pra ser simples. *Mas eles encalacraram*.

Ah, porque nessas de 'meu *pardim*, meu *coisim*, meu *melzim*, meu *amendoim mendorato*' a gata esquece que a mãe dessa criança era branca e não tem racismo nesse mundo do qual um adulto não consiga distrair um pele-clara dando — *sei-lá* — um Kinder Ovo. Ou fazendo empréstimo dum jogo *boquinha* pra PS2 na locadora, *antigamente*.

O cara tinha nome de créditos de filme. O bonito tinha aquelas vibes de não dever nada pra ninguém, mesmo não tendo nada. E o que isso tem de bonito tem de trabalhoso. Lolis esquece que o Hernane é mimado. Fácil que esquece.

Mimado num nível que ela nem acessa, tendo duas irmãs. Com a mãe doida e o pai meio sumido, meio cobrando presença delas. Menino foi criado pelos vós aposentados. Tem umas partes dele que Lolis só vê de *esguelho*. O cara só fazia merda — e ele *só* faz merda — porque era do tipo que podia fazer merda sem se ferrar *muito*. Sem levar de lição em casa o dobro do que tinha levado na rua.

Nosso, com certeza *nosso*. Demais. Ele é. Wakanda conta pra ele debaixo de qual vaso é que tá a reserva. Mas é nosso *e mimado*. Não tem militância que mude isso. Não tem o que ela possa digitar no celular que anule essa questão. *É alguém que tá próximo, é alguém que dá pra entender e entende*. Lolis focava sempre nisso, sempre que elas conversavam. E a Dorinha tinha que *reamarrar* as tranças e perguntar 'tá, e aí, é o suficiente?'

Quer dizer, tem uma cota de *pretim dahora* por aí. Nos piques dele ou não — ou mais, mesmo. Todo tipo de sorte, habilidade e futuro. Lolis não aguenta o trampo do cara apesar das benesses. Não se interessa por *nada* que o cara curte. Ela tem uns papos de querer que ele mude de vida como se fosse a mãe dele.

Aí depois eles transam, resolvem, rutilam e a Dora acha isso estranho *pra uma porra*. Que nada se dê. Que as coisas estacionem assim.

Mas por quê? Por que não ela não muda, não vaza, não acha outro do mesmo naipe? Ela, sim, é uma encostada. Sempre foi, num nível. A Dora como amiga pode falar isso numa boa. Mas Lô nunca foi encostada *assim*.

Por que esse? Não que ele fosse intercambiável ou alguma *merda assim*, não que ele não tivesse valor nenhum enquanto pessoa, nada disso... Mas, *por quê?* Que pergunta a Lô não queria fazer quando se privava?

Que eles se amavam e tal... Coisa que nunca fez *nada* por ninguém. E Lolis tem potencial. Tem mesmo. *Num* trai porque *sepá* nem gosta do *vai-na-trem*. *Desculpa falar,* Dora já meteu essas de levar a amiga em rolezim pra ver se ela libera e, tomara, estragar o relacionamento deles.

Pra ela chorar umas semanas se achando a pior pessoa do mundo, se odiar meia hora, e pronto. Ia ser muito mais suave que ficar nessa pro resto da vida. Dora era dessas praticidades. Com o salário da Val ela não ia passar fome, podia até passar uns meses na casa da amiga.

Só que ela não queria passar, não queria *pensar*. Não queria pesar essa relação já fora de linha.

Chega-que doidim até paga coisa pra ela em bar, em mercado, em caralho-a-quatro, correndo perigo do Hernane *descer o dedo* na perna deles. Não que ele fosse, mas *o risco*. O respeito do risco. O de não tirar alguém que tá *de onda*. Porque o negócio é foda.

E nem isso ele tem. Não passa nem essa banca. O cara é meio *em-faltas*.

O pior é que Lolis é cor-te-ja-da nas calçadas malditas desse bairrão *véi-de-guerra*. *Cortejada*. Dora ficava de cara. Os caras '*ah, pá*, te sigo no insta e tal'. Ah, *para, né*.

Uma militona dessas que só sabe conciliar análise de filme com crítica social com rapaziada nos *followers*. Vê a diferença de curtida entre essas postagens que ela acha 'necessárias' e as postagens em que ela lembra que tem um corpo. Vê a DM dela, e ela se sentindo sozinha.

Dora ficava *de cara*. O desperdício duma juventude. A morte dum corpo quente. Não que Dora tivesse aproveitando os anos dela, também. Mas o escapismo dela tinha um objetivo final. Era investimento. E o da outra? Dora é taurina, tá juntando pras poltronas.

Nani tá fazendo um mal pra ela. Mesmo sem saber.

4 · Namorar - Nega do Babado

É uma quarta-feira, afinal. Essa coisa de *bairro* é assim. Semana parada, morosa. A piação dos pássaros é quase ensurdecedora. Quando cê pega pra ouvir. Sem nada pra cortar.

E o silêncio das pausas é rico, rítmico. Quase hipnótico. Vontade de dormir.

Um carro passa e deixa pra trás o barulho imediato de cascalhos, borracha e asfalto. Cê consegue imaginar até o modelo. Lô nem sabe de marcas de automóvel e mesmo assim tá imaginando. Ela tá tentando não pensar no Nani. Passou a tarde nisso, na verdade.

Lô tá tentando não pegar no celular, que tá aquecendo perigosamente. Dora respondeu, mandou beijos, contou do dia, cliente deixou ela plantada na porta. *Nani nada.*

Isso várias vezes, vários carros. O ocaso todo. Até anoitecer. Anoitecendo os pássaros param e a coisa fica mais pura ainda. Até o bar pegar vida, até aumentarem o som. Antes disso cê quase consegue ouvir a rua descascando. Uma passada de cada vez. Cê também consegue ouvir as vizinhas conversando na calçada e calcular mais ou menos a quantas casas de distância elas tão deixando as panelas queimarem.

Aí chega sexta e a porta nem pode ficar fechada direito. Nem fecha. Outra vibe, *outro brilho.*

O barulho da fechadura elétrica em tríades respondendo à já estridente campainha. Isso sem falar do barulho da dobradiça. Mesmo lotado e em troca constante com a rua, Val pede pra cliente fechar atrás quando entra. Ela é noiada. A Val e as senhoras surtam de leve com o perigo. Um *talvez e improvável* perigo. Sempre um boato de que invadiram o comércio de alguém, todo dia um papo de alguém que perdeu a correntinha e o celular em tal ponto de ônibus. Mas é só papo.

O salão fica tão cheio que a rua toda meio que vigia ele, Lô já chegou a falar, pra tranquilizar. O tipo de logística de fuga que assaltar o Val's Hair numa sexta-feira à luz do dia pede seria melhor aplicado num BRINKS. O tipo de controle de multidão...

Sexta e o salão da Val é a versão chá-de-revelação do boteco na esquina, que também lota. Como se não bastasse, todos conhecem a Val e os filhos dela. O primo da Lô, Ibério — o filho que ficou morando no fundo da casa dela —, repassava as bagaças dos bairros vizinhos e isso era coisa que todo mundo sabia. O portãozinho dele dividindo parede com o portão do salão. Querendo alguma coisa barata, é com ele. Tanta *sobra* que parecia brechó.

Com isso a *perigagem* é quase nula. A molecada do bairro não ia nem saber onde se desfazer dos trens. Os bairros outros por perto nem molecada têm.

Dora também tava tranquila, junto com a Lô. Discutiam que, pra Val, assaltarem o salão dela era — na cabeça dela — quase como que a possibilidade de participar dum *reality*. A excitação de imaginar o Bacchi comentando sobre isso na tarde seguinte. É a narrativa que dá sentido pras coisas mínimas. Um lugar memorizado pra cabeça dela poder voltar e se orientar quando ela ficava meio perdida.

Igual o celular da Lô é pra ela — Lô reconhecia. Igual os grandes planos e empresas que a Dora *dixavava* duma grana que ela nem sabia guardar direito. Reinvestindo sempre, sempre contando coisas compradas como *capital*. Mas vai falar?

Ainda mais porque essa ideia de grade e portão é firula. Se alguém quer passar a mão num lugar fechado, esse alguém — *no mínimo* — vai inventar um plano pra te fazer abrir a porta. É o básico. Três, de boa medida, pra contar com falhas.

Lô falou isso, também, o que — segundo a própria Val, medicada — tirou umas quatro noites de sono dela e foi o único motivo pra que ela não abrisse o salão naquela semana. O medo era irracional, ambas sabiam. Maior parte do tempo ninguém falava nada e Lô acatava doideiras. Dora concordava com tudo, como costuma fazer.

Então sexta o trabalho da Lô no salão era mais prestar atenção no barulho da campainha por baixo da falazada e apertar o botão pra abrir. Fingir que perguntou quem era, fingir que olhou pela grade e reconheceu a silhueta. Nem isso, amanhã mesmo já ia ter gente o dia todo, toda hora. Entrando e saindo, falando e andando.

E o *tinininin-nin* da campainha contra o *trrrrrrrrrrrim* da fechadura sendo aberta. Val ao redor da cadeira de girar, clientes esperando no sofá, Dora na banquetinha, falando. Cafeteira gorgolejando. A térmica soltando uns gemidos até alguém abrir. E Lô no celular: tentando não pensar.

Até domingo às seis, num respiro só. Três ou quatro dias que ela tinha alguma coisa pra fazer da vida além de se afogar num sem-fim de absolutamente nada. Numa espera pela noite e o que talvez ela faria. E qual dos Nanis que ela conhecia esperava por ela.

Uma época ela arrumou de ficar de fone na orelha, o que a Val achou um absurdo e até hoje comenta. '*Como que pode?*' Quase um crime. Um desrespeito completo e *irremendável*.

Alteração na capacidade da Lô de fazer as coisas que ela tinha que fazer não teve, nem nunca ia ter, com relação ao celular. Uma vez ela também experimentou deixar uma playlist dela rolando como som ambiente, odiaram. Ela faz tudo, responde pedido, não tromba com nada, não tropeça. Na *boa das verdades* ela não tem muito o que fazer, mesmo quando tem.

É só que pega mal. *Boa das verdades* é até como se ela precisasse de um *extra* pra funcionar, do celular, por exemplo, como se tudo fosse muito pouco pra ela. E nisso de ser pouco ela tivesse que ser uma banda duma só pra minimamente se ocupar. Era a doença — uma delas, um dos diagnósticos.

Com fone de ouvido ela era até mais afável. Deixada ao celular ela era transparente e — por ser transparente — facilmente convivível.

Ainda mais porque ela era universitária, estudada. E a Val meio que se vislumbrava com isso. A família toda da Lô. Tinham nessa coisa *alguma coisa*. Transumanizavam ela. E que ela não fosse um exemplo de *humildade*, que ela não fosse o Dráuzio Varella dando orelha pra qualquer coisa que qualquer um fala, pra compensar a metidez de ser melhor que todo mundo — segundo eles mesmos —, era uma abertura pra que a atacassem. Enfiaram ela nessa de estudos e agora tratam o fato dela ser estudada como um *porquê* pra tudo de ruim que ela faz.

Val tinha sido o tipo de maconheira dos anos noventa que acima de tudo se assegurava no direito inalienável de ser honesta. Tava salva dos comentários e reprimendas no fato de que ela trampava e o dinheiro era dela *e os caraio*. Enquanto não tivesse pedindo dinheiro de droga pros outros, ninguém tinha nada que falar.

Então o trabalho era a base de tudo pra ela, coisa fundamental. Os filhos dela, ela criou no mote de: cês podem fazer o que quiser da vida d'ocês, mas sem dinheiro cês não são nada. Tinha pra ela que a irmã tinha que ter feito o mesmo, a ver pela Lô. Pelo desmazelo que ela tinha com o suado das coisas.

Val fez até curso no Projac, quando isso valia alguma coisa. Tinha até hoje as cabeças de treino penduradas pelo salão como umas namoradeiras caucasianas. Trabalhou nos melhores salões da capital. Conhecia uma gente.

Aí adoeceu demais: o ombro direito, o pulso, o ouvido esquerdo, a garganta, a coluna. De certa forma, o retorno dela ao bairro foi um eco passado do da Lô. Esse fracasso. Essa derrota. E a sensação da Val quanto a isso era ambivalente porque ao contrário da sobrinha ela caiu com os pés no chão pra correr. Tudo ao redor de si era sua própria prova.

Comprou o terreno com o dinheiro que tinha juntado, montou um salão antes mesmo de montar a casa. Dormia onde agora é a dispensa — um dois-por-três — com os dois filhos, pra não ficar na casa da irmã. Essa coisa de acatar *as normas do teto* não rende. E Lizete sempre foi problemática. As duas não bicavam muito. Se davam só se por longos intervalos.

Fez-que-fez que a casinha dela — da Val, no mesmo terreno que o salão — era ótima agora e o filho mais novo tinha até o puxado dele. Coisa no capricho. Se hoje tá um lixo é questão dele mesmo, quando ela deu não tava. Que hoje ele não trabalhe, também.

Nos começos o salão transbordava dinheiro, hoje em dia nem tanto. Entre os lucros do salão e os *per*-fora da Dora, ela podia ficar tranquila, pelo menos. Ter o básico pr'ocê viver a sua vida sem dar satisfação pra ninguém é um plano de vida pra qualquer pessoa no mundo. Ela, enquanto mulher, tinha a importância disso dobrada.

O tanto que falaram que ela tinha ido pra Capital se prostituir não era brincadeira, quando a Lô era menor, e que a Val tivesse o dinheiro pra se manter lá, longe da falazada — prostituição ou não — garantia ela duma maneira que depender de família nunca ia ter garantido. Cada um por si. Val viveu relativamente bem.

As semanas que ficou de cama por conta do insalubre da estética — uma lufada fria do ar de fora encontrando o tufão fervente do secador — foram os piores da vida dela. Val não sabia precisar dos outros, não foi ensinada a depender. A família dela foi meio assim, coisa que vinha dos pais.

Então que a doença da Lô deixasse ela de cama, também, às vezes, à mercê da *largada* da Lizete, ou pior, à mercê de *homem*... A sobrinha ia

aprender. Val achava que tinha muito a ensinar. Foi um dos motivos que aceitou ela. *Precisar* não precisava.

Lô desconfiava *forte* que não. Admirava a história de vida, isso é. Mas só os armados e mostradores de bijuteria sabem o quão pouco de ideia a Lô queria trocar com *Dona Valds*.

Quarta e o salão abria por conveniência, pra dar uma geral, pra possibilidade rara de que alguém pudesse aparecer pra fazer alguma coisa sem horário ou comprar alguma das tralhas da Dora. Ou que alguém fosse marcar horário no zap da Val, que por ter a bateria viciada fica amarrado no balcão.

A Val — que administra o celular segunda e terça — tá mais que satisfeita de pagar a Lô pra ficar atoa e quem sabe responder as mensagens, se tiver, se isso significar que ela não tá lá na casa *do tal*. No meio dos problemas dele. No meio das *coisas dele,* que são *problema*. Dos graúdos.

Ela já não gosta dessa parte do negócio mesmo, a Val. Um misto de enxergar mal e não gostar da própria voz gravada. O que significa, então, que a Lô — sozinha, sentada, *sozinha,* esperando — era secretária, mais ou menos. Atendente, mais ou menos. Porteira, mais, como ela mesma gosta de entender. Com dois celulares. Debulhada mais no dela mesma, que tinha tudo. Não raro despejada em ambos. Rolando sem fim.

A vontade é sair da internet. De Setembro a Janeiro, literalmente *sumir*. Ela tava com esses planos. Ficar *offline*. Já era. Do Amarelo ao Carnaval.

Mas — igual Dora não cansa de apontar — pra fazer o quê? Não tem espaço pra livro no bolso, mal tem pro celular. E diferente dum pro outro, pegar o celular não significa que ela tava indisponível. Não *muito*. Não *bandeirava* que ela tava *à toa*. Passa a Val lá pra pegar alguma coisa ou ver qualquer negócio — e gosta de zanzar, *essa senhora* — e a Lô tá num livro, *imagina*. *Estudando, é? E a faculdade, como é que ficou? Volta?*

Não, lá, nunca.

Aí a Val — que é muito vislumbrada com esse lance de cultura e acha que sabe alguma coisa — vai querer saber do que se trata. Qual o assunto, qual o tema. Ela tá à toa, afinal. O livro *significa* isso? E o autor? *Teve uma feira do livro aqui na cidade que eu fiquei assim* — gesto de pouca distância — *com o Cortela, ele...*

E a Lô tem talvez que explicar que ela *ter* que explicar o que o livro significa e quem escreveu e a história dessa pessoa, todas essas curiosidades — todos esses nadinhas —, tá tirando ela da tarefa do livro. Ler é uma tarefa, *mais* que ficar no celular é uma tarefa. Nada demais, nada sério. Mas ninguém te pergunta quem fez o celular ou o que ele

significa — exceto a própria Lô, na cabeça dela. Cê não é interrompido no celular, o problema sendo esse.

Os livros que a Val lê são sempre muito *aqueles*. Tem até uma *bibliotequinha* ao redor da Bíblia dela. Palavras secas, corpos molhados, longos romances irrealizáveis, juras sem comedimento, ideais e lugares-comuns jamais checados pelo bom senso. Livro de boca de *stand*. *Pornomadame*, em suma, e *autoajuda*.

Ela teve, pouco tempo atrás, uma fase Paulo Coelho. Toda dona de casa deixada entregue a si própria começa com umas piras de Paulo Coelho e Augusto Cury em algum momento, Lô achava. Ainda mais as agorafóbicas. E Val tava assim, apesar de *microempresária* e *de-negócios*. Vivia armando viagens alegóricas e simbólicas sem sair de casa.

Puxava assuntos de arte com a Lô quando o que ela tinha nos bolsos era isso. Não que Lô achasse bonito ser pedante, longe. Nada *alheiava* ela mais que papos de faculdade. *Lá fora* ela ensinou muito bitolado a virar gente, a conversar direito. Mas com a Val não tinha condição. Falta de eixo. Falta do básico mesmo, de norteamento moral e essas coisas. Ela ia de *amor incondicional à raça humana enquanto dignatária do universo enquanto massa autoconsciente* à redução da maioridade penal em três segundos.

Umas paradas assim. Umas paradas condizentes ao tão pouco que se precisa pra ser assim. Lô chegava a ficar sem resposta às vezes e com a Val não tinha dessas de se esconder no celular. Ela te busca. Ela ia atrás. *Mas cês não me ensina...*

Nisso se distrair em livros já era. Qualquer hora Val passa por lá e celular é o único refúgio possível porque não tem *sobressigno*. E ela tava tentando se distrair, precisava. Não tava fazendo nada. Tava tentando fazer *nada*. Senão ia enlouquecer. Tava tentando não pensar, e a véia se propondo pensante, se jogando pra análise.

O Nani ia e vinha o dia todo, todos os dias, fazendo isso e *aquilo*, pirando de progresso e essas coisas. Ela via nos stories. Bumerangue de moto acelerando no rodoanel. Filtros, memes de vídeo. Ela via e até admirava. Doideira esse negócio de quem tem energia o dia todo. Meio fazendo o que eles tinham combinado, se comprometendo. Meio fazendo qualquer

outra coisa, também. *Gambelando* ela. Jurando mudanças. Prometendo o que pudesse prometer com um 'lógico, mô' pra ela calar a boca.

O mesmo. O lance dele. Aquele *toddy*. Ela odiava com todas as forças. Não é vida.

Lô falou pra Dora e pra Val que tava aceitando esse trabalho pra poder sair da casa e da *asa* do Nani. Que tava na onda de terminar mesmo, igual elas davam sinais — falavam mesmo, na lata, por mais que a Lô evitasse pegar esse *visu* — que era o melhor pra ela. Como se ela fosse a pessoa influenciável da relação, buscando um refúgio. Mas não era bem isso.

Trabalhar na Val foi a parte dela do combinado deles. Que ela *também* trouxesse dinheiro. Que ela também *mulasse*. Assim ele não precisava. Mas nunca foi como se ele precisasse. Ele *queria*.

Disso não tinha celular nem clientela que distraísse ela. Ela tava competindo com uma coisa que ele *queria* ser. Coisa de '*ou* isso *ou* eu'. Só que *isso* era o que ele era. É o que ele é. Ou seja... E que direito ela tinha? Com que direito ela... Mas ela queria também. Não tem ela — também — que querer alguma coisa?

E ela tinha que tomar uma decisão porque parecia que ele não ia mudar. No fim era isso. O que ela se desviava-de e se colocava contra: a decisão, o definitivo. A fita toda. Justo ou não que mudasse por ela — válido ou não, tóxico ou não — ele não ia. Tava na cara.

Ela tinha que tomar por ela a iniciativa de decidir então o que fazer com esse fato. Talvez *já deu* de esperar.

Levanta do chão, tava deitada. Deixou a Val pegar ela assim, tava nem ligando mais. *Dona Bala Valda* nem falou nada. Vai e desbloqueia o celular.

16/11, 18:29: amor

16/11, 18:31: vc me amaria

16/11, 18:31: se a gente precisasse conversar?

Chega lá, dois risquinhos, mas ele não visualiza. O salão tá tão vazio que ela consegue ouvir o eco do que quer que seja que os netos da Val assistem lá na sala. Bate um vento frio e com cheiro de ferrugem: vai chover.

De dentro da casa até ela lá na frente, o som do desenho parece achar um jeito de chegar na Lô e cochichar a promessa de entretenimento. Ela lembra do Nani vendo os *desenhinhos* dele. O coração se enxerta de amor. Problema é esse.

Vez em quando as crianças riem, como se tivesse bom. Nani também tem disso. Barulho de água na torneira, Val tá lavando louça. A cozinha da Val corta parede com o salão. Os pratos na pia, panelas, desabando em formatos de menor resistência. O som pinta imagens.

Os pássaros, pardais, pombos, bem-tevis, maritacas, corujas até, das buraqueiras — todos pararam. De longe os estalos dos morcegos. Os *tsc-tsc* desaprovadores. Esse é o barulho que tá gravado na cabeça dela como 'voltar pra casa'. É o barulho que vem provocando um gelo no estômago, ultimamente. Ela tem que tomar essa decisão. Ela tem que saber o que falar dessa vez.

E o barulho também das unhas da Lô na tela como que tentando rasgar o vidro pra chegar do outro lado, um barulho rítmico. Nem quinze porcento de bateria, quase só dez. Assim como com o canto dos pássaros tem

alguma coisa de trabalho na forma com que ela toca a tela. De som é só isso.

16/11, 18:52 - mozi: q hora?

É o que chega.

16/11, 18:52 - mozi: tô fazeno entrega

Agora ela só tinha que saber o que ia fazer. Simples, tava direcionada. Tava acuada e lidava melhor assim. Tinha até essas horas pra decidir, '*essas horas*' sendo qualquer hora que ele decidisse chegar. E nisso lembrar a última conversa que ela teve com a Dora. Conversa real, essa. Semana passada.

Ela perguntou — sabendo de tudo — por que é que então que ela, a Lô, não largava dele. Sabendo que ele não ia mudar. Isso e aquilo. Aqueles discursos de *putaria e autoestima*. Ofereceu até o lugar dela pra capotar. Inventou até de acharem outro emprego pra ela. Um de verdade. *Não ia tá rolando*.

'Miga, porque, com tudo, com tudo,' Lô falou, coração escapando pela boca, 'o Nani é a única pessoa que ainda precisa de mim'.

Lô falou. Era isso. Contornar pra quê? E a Dora em silêncio. As tranças dela antecipando passadas de mão e *exasperos*. Os celulares bloqueados. As duas tão sérias que esse parecia ser o primeiro diálogo que elas tiveram na vida. Concentradas demais. Temendo errar o passo. Querendo tirar disso conclusões diferentes uma da outra.

'E eu preciso disso, entende?' Lô arredondou. 'É o que tá me segurando'.

Um silêncio.

'*Entende?*'

Só que Dora — que sabia de tudo, de tudo *mesmo* — não queria entender. Achava que, entendendo, cederia. E alguém ali — *alguém, em algum lugar, seja quem tiver que ser* — precisava vincar uma posição.

Uma posição qualquer, qualquer que fosse.

Parte Dois - Boka's Lanchonete e Temakeria

5 · Dedicada a Ela

Choveu. Choveu *pra carai*. O asfalto é um espelho jogado no chão, espalhado até onde a avenida cutuca o horizonte. Bobear chove mais. Todo carro anda como se fosse blindado, janelas fumês esfumaçadas. E toda moto desliza, quase voa. Só dois beijos leves com o chão. Não tem elegância maior. As rodas *cantam* uma história enquanto a correia conta outra. O sinal é só uma sugestão. *Vrum.*

Der na ideia ele empina. *Pezim* no chão tipo patins. Dá nada não. *Quebrar* quebrou. Chegando em casa monta de novo. Aquele bagulho de reciclar pote colando tudo e passando ouro. Maldito o dia que lançaram *Akira*.

Mas na hora de puxar o guidão ele *num-guenta*. なに não parou hora nenhuma. Nem pra comer. Nem sente mais o corpo, tem hora. Fica em pé: dói. Montado: dói. Senta na calçada pra apertar um: pelo menos esse alívio. *O iFood soltou hoje.*

Anoiteceu, choveu. O dia tava abafado mesmo. なに quase capota *agorinha*. なに tá pensando em desistir. Entende e teme que, em algum lugar, ele já desistiu.

Canseira demais. Ele foi numa entrega ali nem minuto atrás em que o cliente achou que ele era garçom dele. Achou que tinha que subir no apartamento dele e levar o pedido na sala. Mó *forga*.

E o なに, pingando da rua até a porta do cara: foi. *Foi* porque — tem hora — discutir só te atrapalha, cê tá cansado, cê tá no corre, cê tá nem vendo mais. É no automático mesmo. *Só vai*. Qualquer bagunça cê solta um *sim* pra ver se cê se sai mais rápido. É essa a palavra que te larga. O resto é só dor de cabeça.

なに foi, foi pingando rastros nos corredores. Igual lesma. Um caminho de água e barro prum otário diferente dele ter que limpar. Vai fazer o que?

Pelo menos deu um *vento,* o cliente. Um troquinho de quinze reais. Dinheiro cheio de nota, até moeda tinha. Sorrindo. Apertando a mão e olhando na íris. Todo *serviços*. Pique *bom-dia-pra-porteiro*. E o なに sorriu de volta, como se pagasse. '*Agradece*'. É *de fuder*. Caminho todo, até agora, ele tá arrependido de sorrir de volta. Foi só reflexo.

E entre um apito e outro do aplicativo as notificações da Lohana querendo papo, querendo dengo, querendo alento, querendo zarolhar *a porra* da orelha dele com *os caraio* das piras dela. O *cel* só apitando なに, なに, なに — daquela cena de *Hokuto no Ken* — e ele na rua. O dia todo nesse esquema. O dia todo meio que desligado e só assistindo a vida acelerar no sentido contrário do dele. Aí ele olha e ela tá só encaminhando corrente de zap, mandando figurinha nova, print de piada ruim. なに não consegue *mutar* notificação. Não é desses caras. Nem acha ruim. Só tá cansado. E explicar que tá chega a cansar mais.

Tá lá, de hoje mais cedo, ele até já respondeu pra meio que se livrar: 'se a gente precisasse conversar?' Conversar o que? Conversar o que *de novo?*

Cê não sabe o que é real e o que é meme com a Low. Negócio é esse. Cê não sabe. Porque esse lance de '*cê me amaria*' é só gastação mesmo. E o なに tava na desconfiança de que nem ela sabia *qual* é qual e *quando* é quando.

Essa semana, pra dar um exemplo, Low tava cheia de papo de livro. Que *sei-lá-quê* que livro é melhor que celular, que ela queria voltar a ler igual ela lia na época do vestibular. Que a tal da *Dona Valdirene* não deixava ela ler no salão em paz. Que vivia contando da vez que trombou com *um tal* de Carpinejar na Virada Cultural.

Sei-lá-quê. Marcando o なに em todo post de crítica social. Marcando ele irônica e não ironicamente nessas paradas. Fez esse assunto virar *tipo* uma piada interna. *Fez*, do verbo: só ela. *Input* nenhum dele. Ela é assim.

Primeiro, '*e eu com isso?*' Era o que ele queria responder. Não de maldade. Mas na sincera mesmo, no sentido de 'e como é que eu posso te ajudar nessas ideias?' Porque: por que era que ela tava falando isso pra ele? *E-le*. Um cara que nunca sentou pra ler nada, um cara que *sepá* tem um TDAH fodido, igual ela fala.

Que sei-lá-quê e que ela queria ter de volta o hábito de leitura que ela tinha, mas não dava. E nesse 'não dá' tava meio que implícito que ela sentia falta da *facul*. Sem querer falar, *falando*. História de querer voltar.

E, apesar de tudo, なに achava massa que ela quisesse voltar. Dava maior moral. Terminar os bagulhos. Começar outra coisa, que fosse. Apesar da distância e tal.

Na real ele nem sabia se achava massa mesmo, só propôs. Cê *tem* que propor. É o certo. Se ela aceitasse, aí é que ele ia sentir se ele achava ou não o que ele achava e lidar com isso de alguma forma. Mas ela recusou. Recusou porque ia sair 'do dinheiro dele', pelo menos no começo. Que ele ia investir. E ela não queria.

Ou *ela não queria* — tipo: voltar. E pra recusar ela só precisou dar motivos aleatórios, como o de que o dinheiro dele não era dela, de que o dinheiro que ele fazia não era dahora e ela preferia que ele parasse a voltar pro curso. Aí depois, nesses tempos mesmo, ele teve que parar de ganhar o dinheiro que ele ganhava e ele nem tinha mais como oferecer. O assunto tomava outras formas, mas era o mesmo. Era em volta *disso* de voltar.

Tudo em que a Low se fixava atingia o なに num canto de descanso na cabeça dele e botava ele ativo. Expulsava. Um recanto que tomava as rédeas da vida dele, no automático, sempre que ele trampava fumado. Pra relaxar. Igual agora. Tentando por tudo nessa vida ignorar a chuva. E atingia pra tirar a paz. Parecia de propósito.

Era como se tudo que ela falasse fosse uma indireta, era isso. Ele pegando ar pra se preparar pra ir e fazer o que tinha que ser feito pra não ter dor de cabeça. E, *sepá*, se der sorte, poder chapar um pouquinho antes de ir dormir. Esse papo de leitura e de distração, de cultura num geral, é uma

indireta pro なに começar a se inteirar nessas paradas. Não é? なに acha. Só que não é dele.

Ela, artista, queria um namorado artista, parecia — isso なに pensando. Pra fazer casalzinho, tipo isso. Igual quando ela começou a malhar — bem quando as paradinhas puderam reabrir — e nem mês depois ele tava tendo que acordar mais cedo pra se meter na academia. Isso antes mesmo de morar junto.

Aí ela parou e ele parou também, assim. Eles nunca nem conversaram sobre isso. Era só ela vir com essas ideias que ele já se preparava pra mais um mês de experimentar alguma coisa, de ter alguma personalidade relacionada a fazer algo. Mas o oposto não era verdade. Low não curte anime, não curte um *lol*zim, não curte brega, não curte fluxo, não curte droga. Não curte nada. Não tem um vício sociável.

Tá pra fazer mês agora que ele voltou à ativa com isso, segunda a sábado acordando mais cedo, pagando e perdendo dinheiro, e ela nada. Ele tava querendo *shapar*. Ela podia, se ela quisesse, ir junto. O salão só abre depois do almoço. *Mas já sabe...*

Boa-das-verdades ela até parecia ofendida com esse progresso que ele tava fazendo. Reclamando que queria ter '*essa coragem*' do jeito que quem não quer fazer uma coisa fala. Do jeito que ela queria ter '*essa coragem*' de ir trampar até que a Dora veio fechar essa coragem junto com ela no salão da Valdirene, pra não sair nem se tocassem o interfone.

Aí essas conversas vinham como um jeito de sugar ele pra essa história. *Qualquer* história. Ele que — bem dizer — tava suave demais em não ter personalidade nenhuma. Tipo, nada que definisse ele. Nada que ele apresentasse como sendo. Porque ele não precisava de definição. Ele nem se preocupa com essas paradas. Na moral, analisasse...

Isso que era o pior. Ele perdeu aquilo que mais fazia ele ser quem ele era — ou tá perdendo, ainda, gradualmente, meio que lutando contra — em nome dela. Pra fazer as vontades. Pra apaziguar noia.

Real é que Low tá cheia de papos de quaisquer coisas que pintam na cabeça dela e isso, duma forma bem complicada, pro なに, sinalizava que ela tava se sentindo vazia. Era isso. Uma crise. Mas e ele nessa?

O que é que tinha pro なに numa vida de *otário*? De salário? Que é que tinha pra ele e pra Low — que era também *vida dele* — num seis às cinco ou num app qualquer? Num oito às duas? Segurança? Futuro? Dignidade pros filhos que eles *nunca nem falaram* sobre ter — quando os dois sabem muito bem que essa onda de ser mãe não ia pegar a Low por nenhum ângulo? O que então? Qual era a fita?

Mas ela queria que ele parasse. Que não ia fechar com ninguém em cadeia. *Certo ela*. Ele nunca pediu. Ele bancava o *BO*, viesse, sozinho. Que isso e aquilo e aquilo-outro — ela falando — quando, bem ou mal, a grana que entrava na casa deles — e podia mandar ela de volta pra pegar o diploma, que era o que ela queria, no fim das contas, no descansado do travesseiro — era disso.

なに era dealer. Comerciante. Dono de loja. *Bagulho* organizado, *low-risk*. Ele vende *bagui* desde criancinha.

Piras de salvação. Isso. É o que era. Aquelas *fitas* de endireitamento, de '*eu vou mudar ele*'. Por mais que ele amasse a Low — e ele ama, ama mesmo, ninguém pode tirar isso dele —, ela — que amava ele também, embora não dissesse, apesar de se desgarrar das juras de amor que ele fazia — não tinha sido a primeira.

Puta e traficante, enquanto projetos mais manjados, só perdem pra jardim em terreno e parar de fumar cigarro branco.

E *ele não queria*. Não tinha *pra quê*. Tava mais que suave dessas piras de vida tranquila e aposentar no final de tudo pra passar três anos sentado numa trançada de ferro e borracha na calçada pra ver carro passar. Ele já até fez isso. Tinha feito parte dos primeiros anos essa moleza. História simples. Carinha simplão mesmo. Hernane Ferreira Marconi vendia dolinha de cinco, de dez e de vinte na esquina com doze anos de idade, depois da escola, pra — e unicamente pra — *pagar de jão*.

Não precisava. De jeito nenhum. Isso tava arrastando ele, na real. *Taria*, se ele tivesse direcionado pra algum lugar pra começo de conversa.

Quer dizer, precisava porque *queria*. Nesse precisar de-manha, *macete*. Tinha amigos no *game*. Galera que trazia já o sustento de casa, isso porque — só porque, *e aí sim* — precisavam. Nisso ele viu hombridade, viu um tipo de propósito. Viu *velhos-bandidos* e pertencimento. Até hoje tem

que se meter no CREAS uma vez por semana pra desfazer uma cagada que ele fez. Coisa leve, de brisa.

Só que viu que era bom. Ele e isso eram. Essa vida. Viu que gostava.

Ele tinha sido campeãozinho estadual de *beach tennis,* quando novo. Tia dele que meteu ele nisso. Meio que de dó. Atividade de clube recreativo. Família tentou compensar demais nos primeiros anos. O pai dele morreu. A mãe dele era meio ausente, não só pra ele mas pra ela mesma. A família socorreu, talvez até demais — isso o なに mesmo achava.

Naqueles mesmos doze já ganhava os equipamentos de patrocínio. Era bom nisso também mas isso não era muito bom. Se sentia deslocado. O sol pegava diferente diferente no antebraço dele. Os olhares estranhos.

Tava juntando a autoestima de forçar carreira mesmo com isso, mesmo se sentindo deslocado. Tinha até futuro no esporte antes de começar a dar piãozim de moto. Aí acabou. Caiu. Ficou todo mastigado do joelho pra baixo. Ferida de debulhar açúcar.

Moleque nunca teve pai. E mãe ele não tinha pra nada além de falar que tinha. Ela era do tipo de viciada que acha que esconde, se escondendo. Sumia. Aparecia em janelas de sobriedade. Até hoje a vizinhança acha que os avós do なに — Dona Cota e Seu Madruga — são pais do pai dele, não da mãe. Ninguém nunca viu nenhum dos dois, não tinha como saber. Ele não conta. Diferença não faz.

Enfim, cria de vó. Muito amor. A véia fez tudo, o véio fez o dobro. Ele foi meio que aprendendo o que era malandragem em ver o véio gambelar a véia. Todo tipo de malemolência pra se livrar de vassourada. Ou é dessa forma, pelo menos, que なに interpreta a infância.

Foi *DM* de RPG-de-papel de Pokemón. Foi ávido jogador de CS em *lan house*, onde também quebrava no AoE2, AoM e Worms 3D. Em alguns momentos ele se pega achando que esse foi o auge da vida dele. Antes disso, quando ainda era novo demais, Click Jogos. Foi famosinho no Habbo, derreteu uma grana de aposentadoria e pensão em moeda. Entrou pra esquemas, modelou. Um hábito que depois foi pras skins.

Tinha o Buddypoke mais abraçado por *bitches* da história do Orkut. なに sempre foi bonitinho e soube que sim. Aqueles olhares desconfortáveis se demonstravam outra coisa quando mais tarde.

E tava real no tráfico mal terminado o ensino médio. *Pira* de dois celulares e nome-fantasia. *Pira* de zap da lojinha e linguagem codificada. *Pira* de ficar *ombrando* carro no trânsito sem nem ter carteira. *Pira* de comungar com crime. *Doidão* já fumava maconha quando reparou na Low pela primeira vez na EE. Ela não podia falar que não sabia. Não tinha como esconder que fazia parte do charme.

Aí tudo muito rápido, anos só de whisky todo dia e festas e tretas e a Low voltou. Grilando, querendo bagunçar tudo. Se metendo na vida dele quando ele já tava recuando dela e aí quando ele percebeu nem tinha mais jeito. Fez-que-fez. Tavam.

Mais que com o risco — ou pelo menos assim entende — Low era grilada com as companhias que ele tinha que ter. Os amigos, os contatos que o なに tem que manter com os nomes do comércio. Como o Ericsson — muitas vezes 'Eric' — pra quem ele pagava os privilégios da região. Uma espécie de *Termo de Permissão de Uso pra Comércio Ambulante*. Rolê era que Ericsson não era pequenos delitos ou pequenas quantias, muito longe. O cara compensa uns tamanhos. O cara só andava no kit. Pelo menos uma vez, ao que なに percebeu, Low viu. E a cara que ela fez já disse tudo. Ela não era pra essa vida.

A peça que ele — ele mesmo, なに — tinha, mais pela onda de ter que pela precisão, ela nem podia saber onde tava. Ele falou que se livrou. Uma mentira. Outra.

なに era e sempre foi — e, com sorte, sempre vai ser — certinho. Nada de *bagaceira* ou displicência. Nesse nível o bagulho era *low-risk* mesmo, Low mesma sabia que era. Mas ela grilou. Deu sermões. OK maconha, mas o resto fode. O resto podia foder também com ela. Chamou família e amigos pra fazer intervenção como se ele fosse usuário.

Tanto que ele teve que aproveitar o disfarce. なに saía pra fazer 'entrega' vestido como entregador de app, na mesma lógica de ligar o app do Uber pra furar blitz dirigindo bêbado; cê desliza igual chuva em parabrisa. Aproveitando o equipamento: teve que virar entregador de fato. Foi e se meteu e já era.

E bagulho é doido. Quando cê tá levando *uma vinte-cinco* pra alguém que tava esperando cair o dinheiro pra te chamar, e que tá — *sei-lá* — dois, três dias sem pitar, quando cê aparece — isso quando cê aparece, cê tem ainda a cartada de se abster — cê tá meio que salvando a vida dessa pessoa. Cê é herói. Cê é contracultura *sepá*. Fornecedor é anjo caído trazendo nuvens.

Momento algum a esperança amarga pra cobrança, momento nenhum essa pessoa vai te menosprezar. Rola desespero e rola *apito* demais, mas é normal. Cê tá quase como que fazendo um favor. E era bem isso que o なに curtia disso. *Sepá* nem empreendedor tem essa moral.

O risco é seu, enquanto contato. O que é dinheiro? Dinheiro é *nada*. Tráfico se paga com risco. Cê bota sua vida, ou pelo menos uns aninhos, ali, de investimento, de *mora*. Deixa aplicar. O que te pagam vem valendo a porcentagem. O preço é seu, cê quem coloca. A depender dos apertos que cê passa.

Nisso a Low pega e analisa, tenta destrinchar o porquê que ele acha que vale tão pouco a ponto de se envolver nisso. Existem um milhão de motivos pra vida de alguém valer tão pouco a ponto de se trocar por dinheiro, なに tinha dessas de filosofar também. Pobreza — que não era bem o caso, apesar de não ser rico, por medida nenhuma — é só uma delas.

Mas aí se em vez duma correntinha de plástico-filme com tijolim na cueca cê tá andando com a bag *realmente* cheia e a *real* encomenda dentro dela — sendo ela, a encomenda, uma encomenda *real*; um McDonalds, uma paradinha assim —, cê não é ninguém. Cê é menos que nada. Muito menos que drone. Cê é tipo o empecilho entre a pessoa e os bens dela.

なに tinha era orgulho. Tinha achado aquela estima. Não tava pra ser capacho. Só em nome do amor é que tentava.

Nesses lances de entrega, entrega *entrega*-mesmo, cê é o lixo de toda desgraça de qualquer-um com cinquentão na conta sobrando pra uma *lara*. Mesmo quando cliente é mil-grau, cliente é mil-grau *porque quer*, não porque *tem que ser*. A diferença é rasgada demais. Vinho pra vinagre.

Não é romantizar não. Ah, sim, Low acusava ele disso, vira-e-mexe. Romantismo nenhum. Realidade, só. É assim. なに fez os dois. なに era bom — costurava trânsito, linguajava caminhos burocráticos, dava o talento

— nos dois. Ele viu. Viveu. Não fosse a Low ele fazia a escolha sem nem pensar direito. Nem escolha tinha. É coisa já pensada.

Droga compensa demais se cê tem *brio*. Se, mesmo com tudo, cê se valoriza pra um caralho e não quer ninguém — *ninguém* — passando merda nas paredes da sua cara. É uma vida. É uma vida *diferente*.

Tá que o なに não curte trampar mesmo. Tipo, trampo-*trampo*. Coisa direita. Isso ele não negou *dia nenhum*. Mas é por isso. O desvalor. A humilhação da coisa.

O fato de que cê tá pedindo licença pra ser *top* no que faz. Que cê tem que se sentir felizardo por tá agregando valor na firma dum outro *filho da puta*. Que cê tem que subir elevador de condomínio pra dar na boca dos caras.

Isso mata, *sepá*. Isso adoece. Cê faz *o seu* direitim e um *zé* se acha *no charme* de falar pr'ocê subir no quinto andar do prédio dele — *pra jantar com ele, decerto* — porque *a desgraça desse caralho* se acha bom demais pra vir pegar as graxas que ele pediu no aplicativo.

É foda. E, tipo, o lance da Low também tá sendo muito esse. なに acha. Dona Valdirene achando que faz favor por inventar função pra meter a sobrinha o dia inteiro e manter ela trancada numa garagem de banho-e-tosa era quase a mesma ideia, uma versão light.

Pira da Low, lógico. Mas uma pira que ela — Val — deu corda porque quer que eles separem. Doninha *Heliodora* que *meteu essa* — antes até mesmo que a Val inventasse —, porque também quer. Faz ano que Dorinha quer separar os dois.

Low e Dora se conhecem desde *cabeçudinhas*. As duas as tipinhas mais fodas do EE. Já se conheciam do EMEI. Elas tem isso de ser mais irmãs uma pra outra que dos irmãos delas. Isso era até bonito.

O que pega o なに é que nisso delas serem super irmãs — Dora e Low, e elas são, pro bom e pro ruim — o que quer que a Dora queira pra Low é pro bem da das duas. É de se esperar que sim. Dora não é otária. Low também não. E Dora tava na campanha de separar os dois. Tava esquematizando pra mais de meses.

E isso faz o なに desconfiar, às vezes — quando a onda bate errado demais — que, talvez — *talvez* —, ela tá certa nessa história. Que qualquer motivo que ela tenha pra querer isso aconteça seja *de fé*.

Que ele, de fato, tava sem ver o mal que ele fazia. Que seria até melhor.

6 · Esta Noite Eu Queria Que o Mundo Acabasse

Chovia e, não só, ele tava com as meias molhadas. Não só: voltou a chover.

Tudo, cada quina dos pés, cada dobra. Duas poças. なに podia sentir a água marinando por dentro da bota. Empalidecendo e enrugando tudo. Como a água *há* de fazer. Mal deu o tempo que ele parasse na marquise pra tirar os impermeáveis e as botas da redinha no banco da *CG*. As nuvens vieram abaixo sob o próprio peso. E por mais que なに quisesse fazer o mesmo ele não podia.

Não com esse argumento pairando. E se ele conseguisse, e se ele fizesse pelo certo? De imediato, o que puxa ele é a sensação nos pés. Não vai ser a primeira vez que なに trampa com eles assim. As velhas frieiras já vão ardendo de coceira. Reinstaladas no conforto e umidade. É como se tivessem passado sede esse tempo todo. Na encolha.

A coceira é boa, o pior é isso. Essa coceira é uma sedução. Como se fosse bom que ele parasse num canteiro qualquer, tirasse as botas, tirasse tudo, e rasgasse de unhar e arrastar o verde-claro e o rosa-inflamado e branco-apodrecido pra fora da pele dele. Uma sensação de querer atravessar a unha na carne mesmo. Uma sensação de abrir cada dedo e ir separando cada linha de ossos até o calcanhar. Ficar com pé de passarim.

E nem ia doer — *as ideias* —, a ser gostoso, até. Ia ser um alívio, parece. É o que as frieiras querem que ele acredite. É assim que elas ficam *na mente dele*.

Tudo que ele queria agora era tirar a bota e passar papel higiênico no entre-os-dedos como se fosse um fio dental, como ele fazia em casa. Com calma. Nisso tirar sangue. Nisso ver o próprio sangue no papel, empoçado e secando. Igual ele vê sangue no papel quando a Low pega pra espremer espinhas.

なに queria abrir os dedos na frente dum ventilador e sentir como que os estalos da pele secando. Barulho de álcool no carvão. E o ardor. A pele toda mudando de composição como uma massa que assa. Um folheado. E a coceira que isso dá. Uma outra coceira dessa de agora, porque quando secava era diferente. Era uma dor.

A consistência pastosa das pisadas quando descia da moto pra abrir a *bag* e esperar, botando ele, de novo, pra pensar que não compensava. A

lembrança daquele dinheiro dado, como se fosse um presente. Como se ele devesse mesmo a gratidão que ele fingiu que teve.

Os *slurp-churp slurp-churp slurp-churp* das meias e as palmilhas encharcadas. Uma agonia subindo o corpo. Uma vontade de bater um facão lá pela altura da tatuagem de carpa que ele tinha na canela. Uma movimentação ansiosa — andando parado, trocando pesos, pisando forte — pra ver se transfere movimento bem pras dobras dos dedos. Pra ver se satisfaz o comichão. E, sim, um pouco. A água hidromassageando lá dentro. Espalhando os bichos pra todos os cantos.

Low uma vez comprou uns bagulhos pra ele pôr por cima do pisante normal quando chovia. Tipo umas meias de PVC, coisa que ela viu nesses sites chineses. Não funcionaram. Era um fato incontornável na vida que se ele tivesse na entrega e desse de chover, ele ia molhar o pé. Ou ele metia as botas.

Essa segunda ideia podia ser até muito pior que a primeira porque ele suava. Suava no pé mesmo. E a depender de como a calça entrasse por dentro da boca da bota, a chuva vinha afunilada como se por dentro de coifa. Fosse por cima da bota: frio, balão de ar enquanto ele metia velocidade no guidão.

Sem saída. Chovendo ou não, se ele fosse trampar de botina, a meia dele tinha um certo peso quando ele tirava. A água surgia lá. Ele inspecionou, procurou por furos, mas não. *Surgia*.

Nem precisa falar que なに tinha chulé, vai sem dizer. Dos inebriantes. Cheetos bolinha. Duckitos de fim de saco. E era autoconsciente com relação a isso, era um certo golpe na autoestima. Forçava um tipo de presença, tipo, fingia orgulho. Chulezento mesmo, *e daí?*

Ele já tinha tentado limão, bicarbonato, leite de magnésia, Salonpas, Tenys Pé, Granado, nitrato de oxiconazol — em gotas de 10mg/ml e pomadas com diversos excipientes —, todas essas coisas. Lixa, lâminas, tudo.

Nenhum, nada, hora nenhuma, nem por um dia de sorte, resolveram. No máximo um aroma mais doce. No máximo uma outra florada. Isso aterrorizava ele demais, pra dizer o mínimo. Que o chulé fosse parte dele.

Ele consegue até justificar, plausível, que nem sabia que *tinha* que lavar os tênis. O vô dele, que era a referência mais próxima que ele tinha, sempre

trabalhou de chinelo. Não tinha disso. E a vó usava sapatos com tanto esmero que era impossível que sujassem.

A pandemia foi a primeira vez que ele se pegou com tempo pra pensar desde que tinha, nem ele sabia, uns cinco anos de idade. Mesmo ainda fazendo uma entrega aqui e ali — muito menos, já que os zé aproveitaram o distanciamento social pra fechar cercos e finalizar operações — ele tinha tempo de colar na casa da Low e ficar com ela.

Aí ele percebeu o cheio, ainda muito mais suave do que depois que ele começou a *mular* de app. Aí que ele ficou ciente da coisa no seu sentido completo.

No quase-fim da pandemia — entre reaberturas e picos — ele já tava mais de boas com *esse lance* dos pés porque não precisava ficar o dia inteiro de boots. Tinha juntado. Ajudava na casa da Low, que tava precisando. Tava tranquilo. Ela mesma passava as tardes na casa dele, já abastecida. As Kenner novas dele tavam durando um tempo no cheiro de borracha. Chulé de criança, na real.

A ameaça de micose era outra coisa à parte. なに sempre teve a unha bichada. Só que *na pandz* a unha dele cresceu mais rápido que o oco e ele tava se despreocupando. Cortava bem rente, mesmo que isso rendesse unhas encravadas. Era como se fosse passar. Já via a cor saturada que tinha que ter, mais natural.

Foi trampar de verdade que as frieiras desabrocharam. Foi trampar de verdade eas unhas despregavam do tampão do dedo.

E, meu Deus, なに só queria ir pra casa. Só se pudesse. Agora. Só se a Low não fosse olhar pra ele com aquela cara de quem sabe alguma coisa, com aquela cara de quem guarda o que diz.

Ele queria ir pra casa e tirar o boots e olhar pra unha dele recedendo. Ele lembra que as unhas dos dedões do vô dele eram distorcidas de micose também. E ele não queria ser assim.

なに tinha um tio que tinha as unhas do pé pretas, preto fosco. Não *pintadas*, óbvio. As unhas dele meio que tinham virado outra coisa já. A cama do dedo tinha abaixado como que de nojo daquilo que crescia em cima dela. As laterais dos dedos tinham se afastado, também, como que de nojo. なに não conseguia pensar de outro jeito. E tinha ainda a pele

ressecada que era envelope de tudo até lá pela altura da canela. Fosca, clara, farelenta. O pé de quem trabalha, ele falava — o tio —, e なに não lembra se é porque perguntava ou porque o tio reparava nele reparando.

Se なに não tava enganado, esse tio trabalhava em frigorífico. É assim que se tem. Esse é o pé de quem vai e faz e conquista. As conversas. É o que sobra no corpo quando se dá embora o suor. O calcanhar era *outro*. なに fez essa comparação quando criança, quase espontaneamente, e nunca mais pode desfazer: massa de pão, muito, aliás, quando inchada por causa de trombose qualquer coisa assim.

Trabalho — falavam. Todos da família que *sim*.

O que acontece é que, lembrando desse tio, ele lembra de todo mundo. Em maior ou menor grau. A característica mais comum deles era a dobra entre as costas do pé e a sola. Isso todos. Não importa o formato ou o tamanho do pé. Todos.

Um tipo de calo, *sepá*. O calcanhar ia descendo vertical e, *tlik*, noventa graus, sola do pé. Era uma pele diferente essa que crescia pra formar esse degrau, meio ressecada mas não de todo dura. Eram calos mesmo. Nos dedos também. O aspecto quadrado. Os mindinhos, de tanto usar sapato, tinham todos aquela linha no meio. Aquele aspecto geométrico. O formato da cabeça do Pyramid Head.

E sempre que ele olhava pros próprios pés ele procurava os pés de cada uma dessas pessoas. Dos seus. Nos seus. O quanto ele já tinha em comum. Com medo. E o quanto ia demorar pra ele ter ainda mais. Não querendo ter.

Uma vez ele viu, ou imaginou que tinha visto, um pedaço de pele desprender do calcanhar da vó dele. O calcanhar craquelado roçando no chinelo. O chinelo como que uma rampa na parte de trás, de tão gasto. Chinelo de ficar em casa, em oposição aos outros.

なに gosta de pensar que nunca foi pobre mas isso muito bem pode não ter sido verdade na vida dele *toda*. O avô era terceirizado de construtora, pedreiro nas horas vagas — *nas mais vagas ainda* alcoólatra —, e por volta de quando なに tinha cinco ou seis já tava velho e aposentado. A véia era dona de casa pela maior parte do tempo, mas não se privava de fazer umas temporadas em cozinhas e serviços domésticos.

A casa em que eles moravam sequer tinha reboco por essa época. O véio tinha ganas de construir uma edícula com dinheiro de barracão, tendo como pivô desse plano a capacidade geradora das próprias mãos. Só precisava pagar os materiais — que ele sabia o verdadeiro valor, nos quais pechinchar, os quais desviar de outras obras. Ia ser a grande coisa que ele ia deixar o mundo. Ia ser a vida dele.

A única complicação nesse plano foi que uma obra que demoraria uns dois ou três anos, se alimentada com grana, já durava — なに ainda criança de pré-escola — dez. E duraria dez a mais até a morte do véio, em 2016.

Terminada, a casa que なに e Low moram tem até suite com banheira — três quartos, um *closet*, duas salas, garagem pra quatro carros, piscina e área de churrasqueira. Pisos de mármore ou imitando bem.

Mas quando incompleta — o que ficou pela maior parte —, não tinha portas, não tinha piso, mal tinha muro com a rua e o portão fechava na corrente mesmo, com cadeado. O cheiro de cal desperta no なに uma reação quase alérgica e eufórica na memória. O cheiro de massa de vitrô então...

Nesse espaço incompleto — *liminar* mesmo, なに é fissurado em estéticas online — quem passava mais tempo era a véia. Ela era muito boa pra ele — uma repetição que ele mesmo nota, dentro de si.

Como a mãe teve ele muito nova, normal que ele ficasse na casa da vó enquanto ela trabalhava. Talvez idade não fosse tanto um fator quanto o fato de que ela era mãe sozinha. Talvez ser sozinha também não fosse, tirando que também era viciada. Mas ainda assim normal que ele ficasse com os avós enquanto ela não resolvia isso.

E a vó era *humilde*, no sentido que a palavra humilde tem quando usada assim. O que quer dizer migrante, pobre, preta. Quando なに foi parar na casa dela ela só fazia ser útil. Ensinou ele uma porrada de coisas, *desensinou* uma porrada mais, também. A leniência era mais uma questão da situação do que das habilidades de educar que ela tinha.

Sempre que o Sol ia brincando na altura dos telhados, lá pras cinco horas, ela preparava frutas pro neto que ia chegar da escola. Na época, o que é hoje uma piscina era um terreno, meio a meio concreto e terra com árvores. なに chegava e parava lá. Conversava com ela. Brincavam. Ela contava dos brinquedos da época dela, de poder ficar na rua — ele tinha um N64, cortesia dos parentes. Passava assim o tempo até que começasse *Cyberchase* na TV Cultura.

Nesse dia foi a mesma coisa. Chegou. Ela lá. Levantando da banqueta e indo buscar na geladeira os cortados. E esse pedaço dela ficando no chão.

Um pedaço duma pessoa escamando assim, sem mais nem menos, igual um rabo de lagartixa. Essa imagem marcou ele, real ou não. Ele se pegava pensando nisso *vezes demais*. Sonhava até.

Ele, *pivete no sonho*, e a véia viva, no mesmo quintal. As mangueiras, os materiais de construção espalhados, os lixos esperando o dia, os pardaizinhos, o barulho da TV ligada um pouco alta demais pra eles saberem lá de fora que horas eram.

Quando ela levantava, onde o pé tinha tocado o chão, ficava escamado o calcanhar dela como pela primeira vez. Essa carne. Essa queratina. E no sonho — ou na memória, não sabia diferenciar — ele ficava parado, estático, enquanto criança. Pensando. Olhando.

Nessa memória, ou nesse sonho, esse tinha sido o primeiro momento que ele tinha conceptualizado a ideia vaga de deterioramento. *Tipo*, no sentido de morte. Mas mais complicado que a morte. Mais difícil de entender do que uma pessoa de repente não estando mais lá e as conversas sobre estrelas e anjinhos. なに já tinha tido uma morte na família. Já tinha ido a muitos velórios, aliás. Já sabia responder que tal pessoa tava olhando pra ele *lá do céu* naquela hora, quando perguntavam pra ele se ele tava com saudade. E que *ele tava*.

Mas não importava. Essa transição abrupta e constrita ele já tinha manejado entender, já manjava demais, no possível que é pra uma criança. No possível pra qualquer um. E isso era coisa diferente.

Ele sabia — como criança — que coisas como o cabelo e as unhas caíam duma pessoa, eram provocadas a cair, aliás. Isso até antes de criança, talvez. Ele já tinha cortado os cabelos, óbvio, várias vezes. Duas vezes por mês. Quando a mãe dele arranjou um namorado, o tal do Murilo, e o Murilo gostava de levar ele no barbeiro. Pagar de pai e tal. なに sabia pedir direitinho o corte zero, parafraseando um comercial da Skol, como o tal do Murilo ensinou ele. *Assim* — gesto de espiral.

なに já tinha cortado as unhas. Já tinha ido, inclusive, numa manicure, com a mãe, desencravar a unha do pé. O mesmo dedão esquerdo. Ele sempre teve unhas difíceis, talvez a sagacidade em perceber esses detalhes tenha vindo disso. A memória do pus saindo do dedo como se fosse — *fotorrealisticamente* mesmo, mais real que real — uma semente de alpiste, é outra memória, *ou sonho,* da qual ele não consegue se desvencilhar. Um alpiste amarelo na ponta do que ele só conseguia entender como ferramenta de dentista, coberto de sangue.

Ideias difíceis. A morte total, o fim derradeiro da coisa e o *nada mais* ou o *qualquer mais* que acreditam que exista. E o caráter modular do corpo, essa habilidade de desvencilhamento e a dor envolvida. Duas coisas completamente diferentes, apesar de relacionadas. Foi nesse dia que ele aprendeu.

A partir daí os filmes de terror fizeram o resto, normalizaram a transfiguração — lenta, em vida — de presente em presunto. Tiraram um pouco — por bem — o choque do *gore*. Os animes estragaram ele.

Que pedaços duma pessoa pudessem cair assim, sem mais nem menos, quando essa pessoa fosse buscar uma fruta picada, era não só uma novidade como algo completamente fora de compreensão, nesse dia. No transitório marcado por essa memória, ou sonho. Sem sensação nenhuma, sem nem fazer falta.

Uma parte d'ocê sem mais nem menos deixando de ser sua. Uma mistura dessas duas ideias que até então pareciam distintas, uma mutilação. Ele não sabia nem como colocar.

E a pele ficou assim, jogada no chão de cimento. Uma folha de árvore. Uma cinza de queimada. Uma guimba. O なに-*nenê* só olhando e pensando uma versão infante de tudo isso que ele tá pensando agora — e nem é bem assim, ainda, que ele pensa. Ele acha. Não dá pra saber ao certo. É mais um sentimento.

Até que a Kiara, a vira-lata do lote, veio. Veio por causa no なに — de todas as crianças da rua ele era o único que não tinha pais pra impedir que brincasse com cadela sarnenta — mas quando ela viu, quando ela viu o brilho molhado e quase *rosé* da parte mais superior dessa lasca de pele, sequer pensou. Não que os cães *pensem alguma coisa*, mas na figura de expressão. Hesitação nenhuma. Reflexão nenhuma exceto aquela que diz respeito aos reflexos naturais.

Nesse *trauma* — porque ele sabia que era —, なに viu a cachorra que era mais da rua que da vó dele comer o calcanhar da *véia* sem nem fazer nada. O なに só olhando. Travado. O estômago fazendo de tudo pra atropelar as outras entranhas no caminho abaixo pra se alinhar com aquela linha do bago.

Talvez analisando os próprios pés. Analisando o próprio dedo — que a essa altura já dava problema, ou ele lembra que sim. Analisando o que isso podia dizer sobre si. Com medo. Com um medo sem materialização possível.

Analisando a ideia vaga e abstrata e fugidia de corpo enquanto a vó voltava e expulsava Kiara da casa. E a Kiara olhando pra ele na saída, boca livre. Sorrindo na falta de lábios. Como se pensasse. *Imagina ter um corpo. Imagina perder esse corpo.*

A Kiara olhando, rindo, cúmplice:

Imagina apodrecer.

7 · Naquela Mesa

O Bar do Capa, conhecido antigamente como Bar do Ratinho ou Bar do Bigode — conhecidamente, quando o dono ainda tinha um bigode — é o point musical do bairro. Até hoje. De todo esse lado da cidade, até. Coisa de lançar hit. Coisa de resgatar clássicos. Coisa de inspirar *sets* de flashback em bailes e na rádio.

O bar, oficialmente — desde a sua concepção, lá nos noventa-e-novos — era jogatina. Uma parede só os caça-níqueis brilhando carrancas, frutas, monstros, fantasmas, capetas, múmias e outras figuras. Na mesa de sinuca só rodava as de três dígitos, o Capa nem vendia fichas, só tirava seus *porcentos* do prêmio. Dinheirama pesada se cê pensar em correção monetária.

Mas aí rolou uma merda. Coisa que todo alcoólatra sabe: essa mania de música paga em boteco — de maquininhas comendo notas novas pra soltar um barulho — é culpa do Lula. Também do Palocci e do Zé Dirceu. Pergunta aí e cê vai ver. *Tão errados não.*

Consequência das provisórias proibindo os caça-níqueis e jogos-de-azar em 2004. Todas as máquinas — que, desmontando, eram literalmente só uns Linux véios *pra carai*, às vezes até Windows, com noteiros, moedeiros e cases reaproveitadas de fliperamas — foram convertidas pra máquinas tocando CDs digitais, clipes e gravações de shows. Dessas que cê vê por aí com folga, se cê tem o mínimo de vida nas costas.

Surgiram várias novas empresas nesse ramo, maioria fachada. Minoria são as que existem até hoje. Teve até um programa em comum de licenciamento de direitos autorais com as grandes gravadoras, é o que se diz na *boca-sorrata*. Dinheiro de *bicho*, decerto. Com isso o Bar do Bigode, bem nessa época, tava com a mão fria num hardware que ele não sabia o que fazer. Rolê de máquina de música é que cê só precisa de uma.

Até que uma genial bateu na mente dele: fliperama mesmo, voltar pros velhos tempos de quem ainda era até meio jovem. Se tem coisa que *noia* gosta é de joguinho. Ele nem ia cobrar as fichas, ia sem. Reformava o bar, botava umas luzes dinâmicas, renovava a aparelhagem de refrigeração, e aumentava no consumo mesmo. Notícias azedavam as ideias dele de guardar dinheiro, desfalcou a poupança. Às quartas: karaokê.

Então ele tinha uma Clip Mania — nem lembra se era assim que se chamava na época, provável que não — e três máquinas, uma de *Marvel v. Capcom 2*, uma de *Tekken 3* e a última de *Neo-Geo Cup '98*. Todas abriam uma variedade de interfaces de jogos ilegais com o código certo de botões — sim, *era fachada*. E por que não? Abriam até o *Internet Explorer*, o teclado era parte escondida atrás da máquina. Pique lan house mesmo, só mais simples.

Depois as coisas foram mudando. Os jogos de azar foram ficando cada vez mais inconspícuos, tanto que ele teve que largar mão da dupla funcionalidade dos fliperamas. Um dos jogos ele trocou com uma firma nova que faziam desses *Tokens de Internet*. Precisava só de um, então outros do mesmo eram, também, jogos de azar. O banheiro privativo que ele tinha atrás do balcão virou um escritório, um escritório que ele emprestava — coincidentemente, é lógico — pra uns viciados em apostas.

O lance da música e dos jogos era só pra *desbaratinar*, pra não dar muito na cara, só que *pegou*. Nisso, duas gerações diferentes se juntavam simultaneamente nas horas de movimento no *do Bigode*. As duas querendo provar que tinham os melhores músicos, que desfrutavam duma melhor cultura. E a *Clip Mania* ali, vinte-cinco centavos a música, na época, produzindo as provas testemunhais.

Como ele era muito pagodeiro e gostava demais de descobrir músicas novas, Bigode mesmo ia atrás das atualizações de software da biblioteca de músicas. Não poucas vezes ele tirava notas ainda de um real do balcão e dava prum jovem qualquer escolher as favoritas. O dia todo, terça a domingo, com variação só no volume, que ele controlava naquele aparelhinho tipo alarme de carro. Não precisava pagar show: galera trazia pandeiro e violão pra interpolar as músicas do aparelho com outras que ele nem tinha. A coisa se desenvolver orgânica mesmo.

O avô do なに era um. O véio era romântico, era de juras. E o véio era de música também, só as românticas mais rasgadas, só as dignas de mais uma dosinha. Paulo Sérgio. Ibrahim Ferrer. Martinha. Evinha. Márcio Greyck. Jorge Aragão. Charles Aznavour. Angela Maria. Odair José. Alcione. Genival Santos. Waldik Soriano. Cartola. Serge Gainsbourg. Roberto Carlos. Angela Ro Ro, que pra ele era meio nova e *esquisitosa*, mesmo assim. Gino Paoli. Pepino di Capri. Carmen Silva. Billie Holliday. Dolores Duran.

なに acompanhava o avô. Nem sempre parava no *do Bigode*. Ia de boteco em boteco. Onde quer que o véio se sentisse confortável em sumir de repente e voltar limpando os lábios. E onde quer, também, que ele não achasse a véia ia achar que ele tivesse bebendo.

Mas ela não só achava como sabia.

Sempre que ele saía: um pãozinho, uma verdura, uma *Coquinha*, cigarro, *um negocinho ali* pro Hernane — o salgadinho que vinha com *tazo* que o なに queria, o outro, depois, que vinha com os *homens-aranhas* de montar.

Era a véia que sempre mandava o なに atrás do véio. 'Vai sim, traz amendoim-de-sal pra vó'. Pra fiscalizar, pra impedir, pra ver se *mais uma geração* ia fazer diferença. E o なに sabia dessa função, mesmo novinho. Quando o véio ia muito perto do balcão conversar com o dono, era isso. Quando ia pegar um doce pro Nani quando ele não tinha pedido. Na hora de pagar e ver os trocos: sempre mais uma. E o véio sabia que ele sabia, ia ensinando mal, ia achando que enganava.

Mas nisso o なに, que não era bobo nem nada, ia colecionando cartelas de Plets, sabores diferentes de DIPnLIK, cabinhos de cores diferentes das sombrinhas de chocolate, tirinhas do Garfield que vinham junto dos chicletes de ovo numa embalagem que era tipo uma cartela — e isso ele achava o máximo. Era oferecer que ele queria sim. O Suflair de dois-reais, quando não as bolinhas Bate Bola, o Kapo Abacaxi, o Zé Mola de cereja.

O circuito do véio terminava no *do Bigode,* até quando já era o *do Capa* — quando o bigode veio a adoecer de uma doença degenerativa que não sabiam bem o que era, os assíduos, porque, apesar de fazer piadas sobre, ele não falava. Capotava numa mesa de canto. Levantava só pra botar músicas. Umas baladas italianas que nunca ninguém sabia da onde ele tirava e como é que iam parar na máquina.

Mais pro fim ele repetia Perdeu, Perdeu da Alcione. Todo dia, pedindo pra que botassem. Ao *intojo* de quem já tinha ouvido, junto com o なに — voltando *daquela* esquina que nem era tão longe dali —, que fechava o bar junto com o Capa. Arrastando o véio desmaiado pra casa.

A essa altura ele já tava abobado. A cachaça tinha feito o estrago e o que sobrou só sabia ouvir essa música. Quando なに tava velho demais pra ser segurança do véio, disseram que ele gastava as tardes dele numa paixão

irresolvida. Passou *todos* os últimos dias, o dia todo, num tal de Bar da Loira. E era isso que ele não perdoava nessa memória.

Desprezado. Pagante. Enquanto a vó do なに tava sozinha — e talvez tivesse até melhor assim —, o avô amava em silêncio, mas não a ela. Seu Madruga amou uma dona dum dos bares que ele passava.

Mais ou menos um mês depois que o véio morreu a véia virou de bar. Mesma mesa, mesma cadeira, no mesmo canto. Era como se ele tivesse deixado um cargo pra ela.

Nem bebia, só ia na Clip Mania. Qualquer Dia Desses da Alcione. Basta de Clamares Inocência, na voz da Elis Regina. Naquela Mesa; Elizeth Cardoso, Sergio Bittencourdt e o Jacó do Bandolim. Vingança pela Doris Monteiro. Possessivo amor, Carmen Silva. Sambas, no mais — dos antigos, Lupicínio Rodrigues pra trás. De vez em quando um brega, quando ela lembrava demais dele, tão por demais que ele precisava ouvir música também.

Se arrependeu de ter enterrado o corpo, devia ter cremado. なに tinha as granas. O Capa brincava que, fosse o caso, ia ter guardado o pote junto com as pingas, no display na parede de trás do balcão. E ia mesmo.

なに, que já acompanhava um, passou a acompanhar a outra. Não era mais de esquina há tempos. Por essas alturas, tendo dezesseis pra dezessete anos, já bebia. Quando na mesa com a vó, bebia pelos dois em homenagem.

Quando ela não sabia mais o que botar na máquina, ela pedia pra ele. Basta Chiudere Gli Occhi, do Gino Paoli, era o que o véio gostava de ouvir antes de fixar naquela, e o なに gostava *sem limite* dessa música. Assim, bêbado, ele repetia essa até cansar. Uma música que não ouvia em nenhum outro lugar. Tinha qualquer coisa na *acústica*.

Seu Capa — um apelido um tanto maldoso que ele deu pra si mesmo, levando em conta que sua forma longa era Capa de iPhone, referenciando, sem que soubessem, ainda, o que sobrou dele depois de uns três anos de quimio — era uma pessoa boa. Um pouco simplório na capacidade de conversar, ou qualquer coisa que não fosse manter o comércio, mas bom.

Ele dizia que, mais que as ações da polícia, *caindo de pau* nos Totens e Kiosks dele — mais que isso —, a influência da Cotinha foi a virada que ele precisou pra anexar a ideia de mercearia ao bar. Então provavelmente é verdade.

O balcão que era só de porcaria foi inflando pra ter todo tipo de coisa. Até remédio. Se cê quisesse alguma coisa, cê podia ir lá comprar. No canto dos fliperamas, dois dos quais já há tempos não davam nada, botou aqueles mostradores de verdura e alface. A sinuca continuou, as mesas

também. A Clip Mania foi arrastada pra frente do estabelecimento, apontando pra rua. Dias de jogo encaixavam uma televisão em cima dela.

Foi um aproveitamento de espaço. No fim da década o bar já não lotava mais nos dias mornos e as contas dificultavam fechar. Ao contrário da primeira virada, essa não deu tão certo de início. O bar ia virando relíquia. A véia passava o dia lá, trocando ideia, bebendo uma ou outra quando superou o alcoolismo enquanto fator das mortes múltiplas do marido. なに não lembra muito dessa época, passou em outras preocupações.

Foi quando ela já parecia melhor, não só em relação à morte do marido, mas com a vida toda, é que o COVID passou a mão nela. Um dos primeiros casos do bairro. Não teve nem o que fazer. Pegou ela no susto mesmo. Cotinha ficou internada duas semanas e não resistiu.

E quando Herninha — de hérnia mesmo, como o Capa gostava de chamar o menino; sendo o culpado de todos os apelidos do bairro, inclusive o próprio — apresentou ele — o Capa — pra namorada, ele gostou. Se sentiu como um av a mais que o menino tinha. Um que ainda vivo.

Ele entendeu e aprovou. Tentou falar alguma coisa por baixo da máscara mas mesmo sem já era difícil. O bar sobreviveu à pandemia sendo mercearia, presente que Cotinha deu pro Capa sem nem saber.

Falou que não queria morrer sem ser padrinho. Tinha acabado de ser informado, com muito atraso, por causa da superlotação dos hospitais, sobre uma possível recidiva. Via neles o fogo necessário pra que casassem. Capa quis viver essa experiência. Quem sabe passar o bar pra ele, num preço módico.

Como se sabe, não foi possível.

Parte Três - Bar e Mercearia do Capa

8 · Gosto Muito de Você

Sol de chuva, casamento de viúva. O mormaço espancado pelas nuvens dá lugar ao vento e uns folhetos de ofertas de supermercado que dançam entre os carros. Folhas de árvore também, em menor volume. Dentro do salão, o ventilador remexe um ar quente e engarrafado. Piso gelado. Que já seja cinco da tarde não importa. Período refratário da bateção de rango, só agora é que ela tomou coragem de almoçar. Fome mesmo nem veio.

E a Dora conversando com cliente. Estridente. A voz rica, fértil, incansável. Talvez fosse ela quem devesse ter feio faculdade de música. Talvez a Dora, ao contrário da Lô, tivesse terminado.

Nani desligou o celular. Lô aposta que sim.

'Ele acha que eu não sei', é o que ele acha que ela acha, ela acha. E esse é o problema dele pra ela, pra ele — *pra ela*. Quer dizer, era assim que ele achava que ela achava que ele achava — ela tava achando. Ela tá assim das ideias. Lô tá na verve da loucura.

A falta de comunicação tava metendo essas doideiras na cabeça dela. Ontem eles conversaram e não conversaram. Ontem eles disseram sem dizer. E quanto a isso não tem réplica ou cobrança. Enquanto ninguém tomasse jeito eles não tinham jeito mesmo. Dora tava certa. *Pra variar*. Lô tinha expectativas impossíveis.

E o fundo da coisa, *o estrutural,* era que esse nem era o problema. O problema é que os processos pelos quais ele tá passando, se é que ele mesmo sabe quais são, fazem com que ele pense que ninguém pode acessar o que ele sente. O que é mentira. Como se ele fosse um *outro* alienígena ou robótico. Como se a Lô fosse *o tipo de piranha* que fica de 'eu não sabia que os homens *também*...'

Os homens também *tudo*. Pelo menos nesse nível.

Que ele não soubesse que ela soubesse marcava um desinteresse dele. Isso tudo ela sabia. Tava cagada de saber. Ela tava além. Nani não tinha mistérios. Mas ela queria ouvir da boca dele o que é que era. Queria que ele tivesse a linguagem e a *coragem* pra entrar de acordo ou não com — e corrigir, e redigir, e enunciar, e bater palma pra perspicácia do que — ela achava.

Porque ela não tem o direito de achar nada. Ela tava agindo na audácia. *Nessa fita* ela já tá achando coisa *demais* e querendo coisa *demais* pra *muito além* do que ela se sente confortável querendo.

Verdade é que todo mundo acessa o de todo mundo se quiser acessar. Todo mundo é meio acessível mesmo, fica por aí. Só esse querer que é a chave. Ninguém *tem* que querer nada e muitas das vezes não quer mesmo. Aparte isso todo mundo é gente e tá na mesma, ou quase, *vai saber*.

E ela queria entender o que ele tava passando. Mais, ela queria *ajudar*. Pra além de ajudar — no meio-campo de tudo isso — já que era inevitável com ela, era a linguagem do amor que ela tinha, não adianta botar isso na conta do *outro*, ia ajudar, mas ela queria ser convidada a isso.

Faz sentido? Formalmente, se necessário. Contrato de gaveta. Mas os entraves e as ilusões de complexidade e a desilusão de solitude, tudo isso era demais, cada coisa por si só valia uma dúzia de jantares estragados e tardes silenciosas. Duas dúzias de noites que o Nani tava chapado demais pra responder *boa noite* do colo do PC Gamer dele quando ela cansava de esperar ele pra meter uma transa culposa.

Uma transa que ela não *queria* tanto quanto queria que *ele* quisesse. Uma questão que ela não resolvia nela mesma nem pedia ajuda pra tanto, o que já revela o desigual das ideias que ela fazia dos outros e de si mesma.

Ela só queria um descanso que não envolvesse o mindinho dela adormecido e uma dor fodida na junta do dedão, bem dentro no osso, de ficar o dia inteiro na internet. Internet já não dá. Internet já era. *Mas hei-la*. Lô tava lá. Vasculhando sucata em busca de alguma coisa que se a vida dela tivesse dando pra ela ela não tava toda se sujando de procurar.

E era ali que a coisa pegava, porque ao contrário de casa, ao contrário do relacionamento com o Nani, na internet ela tava pra sempre exposta a paradas que ela não podia resolver. Tava ilhada numa incapacidade quase clássica de fazer coisa sequer. Tudo era tão maior que ela. Uns trens impossíveis. Desliga a tela, acabou.

Mas com o Nani era diferente. Não era que ela não *podia* fazer nada. Ela só tava impedida. Anulada diante o lance. Ela ia precisar investir uma energia e um labor todo nesse *possível* que era ela acessar o Nani e ajudar ele, pra que ele quisesse ajuda, e o processo de ajudar fosse *viável*. Do jeito que ela queria fazer.

O que ela não sabia se queria era despender esse esforço a mais. O esforço de ficar explicando que ele precisava disso. Não era só ela sendo manipuladora. Não era só ela sendo *psicopática*, não era só uma questão de *ego*. Um projetinho dela. Uma feirinha de ciências.

Ela ia ter — e não sabia se queria — que estagiar nesse trabalho sem frutos. Disso já tinha arranjado o Val's, *muito obrigada*.

Mas aí, desse uma bolinha sequer, ficasse de marola com o próprio Nani ou a Dora ou o tal do Ibério fumando lá do fundo — se-cagado de medo do Nani cobrar ele o que ele deve —, e ela tremia nas certezas. Será que não era *mesmo* ela sendo manipuladora? Será que não era *só* uma questão de ego?

Por isso ela não podia fumar. Existe uma função na vida duma pessoa em ficar abobado, existe mesmo. Um abobamento sem benefício secundário. Qualquer coisa consumível que distrai e dá tesão já tá valendo.

Mas quando ela chapava, ela percebia que não gostava de quem ela era quando tava sóbria. Lô não gosta de fumar porque quando fuma ela entra na onda de que ela se defende demais e se acha mil desculpas. Quando ela fuma a ternura vem de volta pra ela, quebrando tudo pra invadir, botando abaixo castelos. E é demais. A ansiedade é insuportável. Ela não sabe onde se enfiar. Ela percebe que tá botando terror em todo mundo a vida toda.

Tipo, ela tava sóbria. *De cara*. E nisso que ela tava *de cara* tinha uma perversidade inerente. Entende? Ela tava *hiperalerta* e *cruel*. Ela tava num tipo de modo de sobrevivência em que qualquer ideia tinha uma contra-ideia e tudo isso era meio *aloprado*.

Ela descobriu que enquanto sóbria ela tava na lucidez dos fatos o suficiente pra perceber que se não fosse ela, nada. Não fosse se meter nas coisas, não fosse existir pra todos, mal. Coisas ruins. Um dominó de efeitos e cláusulas que colocavam ela — mesmo assim, mesmo não tendo se enfiado no início — pra fazer. Mesmo quando, de já tão desenvolvido e enrolado um problema tinha se tornado, não era nem mais resolvível.

Só que aí ela fumava — desse uma bolinha sequer — e ela percebia que o mundo seguia sem ela, ela era dispensável demais, isso tudo de '*todo mundo*' era só uma *desculpa*. Quem precisava era *ela*. Quem tava *jogada* era *ela*. Era tipo um abandono de incapaz voltado pra dentro.

E — pra quem percebia, tipo a Dora, tipo o próprio Nani, sim — era uma ansiedade fodida, *sim*. Era *o suco do catastrofismo*. Lô vivia pra fora dos limites da ilusão.

Toda a onda do beck ela sofrendo *do peito,* entendendo finalmente essa dinâmica e se prometendo mudar pra, quando sóbria, o mesmo.

Tudo isso era demais. Tudo isso tava somando no pesinho da balança que mandava ela largar de mão e seguir o rumo dela, seja sozinha ou com qualquer um. Mas não. É importante entender que não. *Ela amava*.

Mas já era hora que amar assumia uma faceta esquisita e nem chapada ela conseguia defender esse conceito. Cada entrave destrava uma série de mensagens codificadas e transas ruins. Penetração silenciosa. Úmida, sim, sempre úmida, sempre o mel, mas de gemidos temerosos e performáticos-pra-menos. Lô tem a plena consciência de que o protesto dela é o silêncio. Lô é adepta da privação de sentidos. É como uma tortura que ela se inflinge.

Memes de rapper, correntes de copypasta, figurinhas pornográficas, ela fazia de tudo pra acessar o cara, na dificuldade que era. Embora eles nunca tivessem conversado sobre isso, ele gostava do humor dela, quando ela tinha, ela acha. E a essa altura ela achava mais fácil que qualquer outra coisa fingir ter. Ela achava fácil *fingir*.

É que ela ama. Ou tava grata. Ou fingia, que era mais fácil. Que ele tivesse amado ela quando ninguém mais, quando ela tinha tanta coisa nas costas dela. Não que tivesse sido difícil. Talvez financeiramente sim. E ele tava lá pra isso também. *Faz sentido?*

E o que isso importava? Ela nunca quis viver essa fantasia de A Dama e O Vagabundo. Nunca fez muito a onda da Arlequina. Momento nenhum quis ser aquela pra quem olham quando toca aquela do Seu Jorge. Mas aí ele veio. E é isso.

Não que ela seja *patrícia*, longe disso. Não é que ela seja *tradwife*. Fosse assim ela não tava na Val, rasgando a vida dela à toa nessa *desgraça*, derretendo a própria cabeça na ausência do que fazer ou no extremo desesperador e violento das *dondocas racistas*. O salão era o mundo real e *o mais-que-real*. Mais três meses e ela sequer sabia.

Tava de planos de montar a lojinha, mudar ele de vida, tirar o Nani do tráfico. Inspirado na Dora, talvez, eles queriam transicionar gradualmente de vender maconha, bala, doce, key, crack — vai saber o que mais, Lô não queria vasculhar a salinha — vendendo acessórios de tabacaria e meias e cuecas. Veio com esse plano um tempo atrás, ontem reinseriu na conversa. Como se ele parar de traficar — de vez, dessa vez — fosse salvar o relacionamento deles.

Porque, e isso ela não podia *fingir* que não, era essa a ideia que ela mesma inseria. Ela que falava que ia. E agora, que parece que ele também acredita que sim, é que ela percebe que talvez *não*. Talvez *nada*. E o cara arregaçando os próprios princípios pra agradar ela e a culpa fodida dela não saber ao certo o que quer.

Depois de três meses de salão ela tava fragilizada a aceitar. Tava fragilizada a aceitar até as drogas a essa altura. Que a 'lojinha' virasse uma lojinha — de verdade, era essa a piada que dava cor ao projeto — era o de-menos.

Se ela fosse patrícia isso nem-nunca passaria na mente dela. A vida que ela vê pela frente é uma vida de trabalho. *Melhor* se for um *melhor*. Em termos de dinheiro, tava bom demais que ele continuasse vendendo. Tava *do caralho*. Quase *um-ká* de grana por dia todos os dias, de líquido, quando ele animava. Isso se ele passasse o dia na rua. Ela que não sabia cozinhar sequer precisava. Todo dia japa e lanche na ausência dele.

Então não era que ela era patrícia e tava encostada, era o que ela se firmava em acreditar. E acreditava. É que amava mesmo. Tava amarrada no cara pro que der e vier.

Nisso queria que viessem coisas boas. Nisso não queria ter que fechar com ele em cadeia. Não queria que ele morresse como ela via tantos outros morrendo na tela do celular. Isso é uma *noia*. Ver em todas as mortes a morte dele *adiantada, repetida*.

Ele chegando fissurado porque *sei-lá-o-quê* duma viatura, era uma *noia*. Galera entrando e saindo da casa dele, que também era dela — se era mesmo pra eles morarem juntos e construir alguma coisa de futuro — era uma noia. Porque ela, que já tinha as questões dela, ficava ansiosa e apreensiva. Sentia como se tivesse na rua.

Última vez que ela teve um ataque de pânico, aquele Ericsson apareceu na casa deles pra pegar os produtos e vazar. Ele e uma equipe toda entrando e saindo enquanto ela surtava. Era pro caso — e eles achavam que ia dar nisso — de dar polícia.

Nesse ramo eles não tão muito acostumados com doido. Isso foi traumático pra ela. No pior momento possível ela tava exposta. No mais vulnerável ela sequer tinha uma porta pra fechar atrás dela mesma e se sentir sozinha. Sozinha do jeito que ela se descobriu capaz de ficar, e se recuperar, morando *fora*. E se ela achasse a arma dele num desses surtos? Faz sentido?

Mas rolava um certo vislumbre em ser a mulher do tráfico, também, mesmo que seja uma versão menos cinematográfica do comércio. *Softcore* mesmo, coisa de playba. No máximo, o máximo que ela tinha enquanto estética em que se agarrar, eram as balanças, o cheiro de resina impregnado nas paredes. Os sacos e sacos de pinos vazios comprados de site.

E isso, até isso, era bem suave. Seria, se ela não fosse ansiosa. Ele não tá envolvido com nada pesado que não no peso inerente das coisas, dos *produtos*. Nenhum débito, nenhuma treta, nenhum rabo-preso. *No-certo demais*. Tabelava viciados, pegava assinaturas, penhorava dividendos, na tranquilidade mesmo. Pagava lote à vista.

Ser *trafica* é quase um esporte pra ele, um bagulho no qual ele ficou bom porque começou cedo e deu sorte.

Mas nada de clubinho, era a questão dela. Ela não queria nada daqueles amigos noias dele *pagando de pá* na sala que ele fingia que era dela também e que ela tinha que limpar porque se sentia em *dívida*. O cara provia pra casa. Mais que um casal, eles dividiam casa. Nisso era justo que ela fizesse *alguma coisa*.

E a culpa, também, de desfazer um cara — que nem amigo tinha — dos únicos contatos sociais que ele era capaz de ter. Parte do lance dele era justamente esse, ser *ponta-de-mesa* pra *malandrinho* do bairro.

No fim Nani, toda a vida, teve mais condição que ela. A pele clara, o jeitinho de quem teve por onde estudar mas não quis porque a pressão de 'ser alguém' enquanto profissão não era um peso onipresente na mente

dele, não era um pré-requisito pra ele 'ser alguém' enquanto pessoa. Ele queria ser alguém na carteirada mesmo, não no *batente* dos processos.

Até conhecer a Lô ele vivia de tirar onda. *Filho-da-puta* queria ser trapper, questão era essa.

Os músculos do pescoço dele drapeados como cortinas pesadas até a clavícula. O jeito que a mandíbula dele, apesar de não muito proeminente, terminava nas mesmas linhas verticais em que desdobravam os lobos das orelhas. Um rosto quadrado, masculino, pensivo, fechado. Ainda assim delicado. Não aberto para sensibilidade ou intimidade nenhuma, mas possível. Passível de ser. E quando ele platinava o cabelo?

E ela, dodói demais, tava nessa de 'eu vou mudar ele'. *Tava*. Como a otária que ela era. Trazendo pra mesa o essencial feminino. Sendo pra ele o que muita mina tentou ser pra ela nos anos passados. Lô tava pagando santo de ser probleminha pra sapatão. Deixando ele falar fino e sentar no colo dela. Deixando ele pagar de bebê e essas papagaiadas.

Isso, *sepá*, porque ela era mulherzinha. *Sepá não*. Lô tava cansada de viver uma vida de experiências gendradas. Exausta de ser um argumento feminista ou anti. Mas isso não quer dizer nada, né? Pra ela não, pelo menos. Ainda mais assim, nesse tipo de relacionamento. Esse cansaço afetava o Nani, ela podia perceber. Mas aí cê faz o quê? *Bora trazer mais alguém pra essa bagunça?*

Aí as minas ficavam encantadas com ela e começavam a gastar onda demais e a Lô tava sem energia nem pra aturar as ondas do próprio cara que é o parceiro fixo dela. E não dava pra ela — verdade seja dita — *onda nenhuma*.

Nani era duma hombridade de personagem de jogo de lutinha e nisso ela já via tudo, não era como se ela não percebesse. Eles eram dois depravados marginais espiralando na codependência de, no fundo, no escondido e no silêncio da relação, se entenderem. Se entenderem bem demais e se perdoarem por causa disso. Bagunças disformes e caricatas se mantendo na vertical só com o atrito. *Stonehenge de probleminhas*.

Era isso. Que ele fosse mudar de vida, que ele fosse dar um jeito nisso, naquilo, aquilo outro, tudo era porque *'a Lohana me pediu que eu'*... O marmanjo que fornecia camarão pro campus inteiro da UFU precisava dela pra passar o oxiconazol naquelas feridas abertas que ele tinha no rego dos

dedos. Senão pro resto da vida ele ia passar tirando sangue do pé sentado sofá deles.

E ela insistindo pra ele tomar o banho dele do dia às onze da noite pra não deitar sujo na cama com ela *não era isso*. Ela, amor. Ele, trabalho. Mesmo que tangencialmente os lençois encardidos tivessem um preço pra trocar.

Mas aí, se ela fosse ler por essas linhas, tava errado. Não era tão simples assim. Lô também não sabia cozinhar, não tinha organização pras contas, não era tão organizada assim na casa em que ela morava de graça, quase que de favor, se sentindo mal por isso. Ninguém cumpria um papel estereotípico, essa era a questão. *Faz sentido?*

E não é como se a relação fosse *oficialmente* assim. Quem via via o cara que dá tudo pra mina e a mina que é encostada. *Nesses naipes*. E por mais que a Lô tivesse enojada de conjurar conjecturas e estruturais, a galera só via trabalho enquanto trabalho que dá dinheiro.

Pra ela isso não tinha cabimento. Isso é enlouquecedor. Mais uma vez ela tava nessa posição de dar o de-comer, emocionalmente falando. Ela tava sendo mãe-virgem pela milésima vez, por assim dizer. Isso, óbvio, como um escape dela mesma. E o medo de que na primeira oportunidade ela ia ficar pra trás. E o arrependimento de não deixar filho-da-puta se desgraçar sozinho se é que vai abandonar ela depois.

Só que não tinha dessa de ficar desenvolvendo isso dentro do arcabouço teórico duma epistemologia pra explicar e agir no mundo e mudar as coisas sem que isso fosse também *trabalho*. E ela já tá exausta. Ela já tá na reserva. Ela tá no prenúncio do fim e isso fode demais.

Um amor fadado ao fracasso, ela pensava — sem querer pensar. Um amor de pandemia, fruto da falta de opções. E queriam que durasse.

Cada lágrima uma desistência transbordada por não caber, ela não desiste, não pode conceber que pode. *Lágrima* no sentido figurado da coisa.

Ela não chora. Não que não queira. Não que não choraria se tivesse vontade de chorar. Não conseguia só. *Faz sentido?* Cada lágrima tipo um 'e aí?'

E, de fato, 'e aí?' Que é que ela ia fazer? Que é que *ele* ia? É que ninguém nunca sabe. Nunca. *Faz?*

9 · Dio, Come ti Amo

Chuva e sol, casamento de espanhol. Raposa e rouxinol. Rosa e girassol. Rua e farol. Peixe e anzol. O mal e um mal-menor.

O céu é incansável. Por trás o absoluto — o céu, sua continuação. Ele contra ele mesmo e ninguém mais contra ou a favor. なに é como o céu, ele pensa — o なに. Pleno. Inabsorvível. なに dormiu mal. なに mal dormiu. E ainda é quinta feira.

Tava pensando em pegar domingo também. Ia ser o jeito. Senão pro app, pra ele mesmo. Tinha *nego* na abstinência porque a Low não tava afim de aceitar quem ele era e ele, que era mesmo meio burrinho, caiu na onda.

Mas aí ontem eles tinham chegado num acordo. Semana que vem iam os dois pra São Paulo fazer o circuito dos camelôs. Só os dichavadores mais doidos, só os bongs rosas. Low e Dora conheciam muitas maconheirinhas naquele salão delas e ia dar certo demais. *Meias, cuecas e tráfico.*

なに chamou a Lô pra vir no Bar do Capa pra eles conversarem. Desde que ele morreu, o filho reabriu e manteve as quartas de karaokê. O movimento tem até aumentado. E Lô precisava cantar um pouquinho. Começou o curso pra ser cantora e na bagunça de tudo enveredava pra ser filósofa. A parte difícil dela era a parte filósofa. Ele se sentiu inteligente pra caralho mapeando isso. Ele queria conversar com a outra.

Ele não podia deixar de sentir, também, que tinha manipulado ela a ceder. Nem que só um pouquinho. Eles sequer citaram a possibilidade de término. Ele era só um nariz na nuca dela enquanto ela curtia uns MPBs. Aí já lá pro terceiro litrão decidiram.

Hoje ela acordou como que arrependida e ele acordou se cagando de ressaca. Ela anulou a conversa, apesar de manter o plano da loja, e foi pro salão. Ele decidiu pendurar o dia de hoje.

Desceu no Capa e sentou numa mesa da calçada. Dali dava pra ver a entrada do salão. Ibério veio trocar ideia com ele, ver se tinha alguma coisa errada, tava em choque. Queria uma vinte-cinco e tava oferecendo sei-lá-o-que de *pego* que ele tinha pra passar pra frente. Acha que uma JBL, não presta atenção. なに manda pastar. É uma tarde pra ele se perder nuns pensamentos.

Então ele vai na máquina e alimenta uma tartaruga nela. Quatro músicas. Dio, Come ti Amo da Gigliola Cinquetti. Esta Noite Eu Queria Que o Mundo Acabasse do Waldik. Gosto Muito de Você do Paulo Sérgio. E, pra acabar, pra rasgar fora, Basta Chiudere Gli Occhi do Gino Paoli

Mas é que o なに é um romântico. Não adianta. Ele não desiste. Mesmo que tudo diga o contra. Ele só real não sabia o que fazer, ele *real* não sabia, meu. E não tava escondendo isso de ninguém, que ele *não sabia*. Ele nunca tava pagando de nada, tá aí pra qualquer um ver.

Ele, com todo o custo do mundo, valendo sensações devastadoras demais, tava sendo vulnerável *e sabia*. E não tem papinho de *masculinos* que tire isso dele, o cara tá aberto pra pedras. *Ele não sabe*. Ele tá, sim, pedindo ajuda.

Só que sem ninguém que queira dar pra ele essa graça. Nem a Low, que via nessa *fraqueza* dele — porque ele ainda não conseguia ver que ela via isso como outra coisa além duma *fraqueza* — um peso pra ela. Que ela tivesse que cuidar de *mais alguém*. Mais um encargo pra mula-humana do mundo que é a mina preta.

Ele já tava até imaginando a postagem que ela ia fazer sobre isso quando eles terminarem, se terminassem. Mais alguma coisa em que ela ia ter que sair como pós-doutora e fazer resolver na marra.

なに não queria resoluções, ele não queria respostas ou descobrimentos ou mudanças, ou qualquer outra coisa que fosse. Ele queria esse tempo pra sentir. Ele queria essa intimidade de poder sentir com alguém alguma coisa porque a vida toda ele foi treinado igual se treina *cachorro-botina* a não sentir nada. Igual cê têm que treinar um cavalo pras rédeas, なに foi treinado.

Disso ele sabia. Não tem *dessa* de que ele *não sabe* porque o *patriarcado* e toda a *desgraça da puta que o pariu*. Ele sabia que a vida toda ele foi encurralado pra esse lugar e que nesse canto ele virou o que virou. Aranha de bota, escorpião de tijolo baiano.

O que ele não sabia era o que fazer quando ninguém além dele queria tentar sentir essa coisa que sequer tem nome, *meu*, sequer tem forma, não tem teoria, não tem joguinho nisso, não tem nada, *essa desgraça dessa coisa* que ninguém sabe o que é e ninguém quer saber o que é porque quando ela vem é coisa que te mostra: e ninguém quer ser mostrado.

なに queria sentir essa coisa. Mesmo *homem*, ele queria. E ele queria, mesmo que narcisicamente — e sabe-se-lá se é que esse conceito encaixa aqui — que a Low, enquanto parceira dele, enquanto *vida,* sentisse junto. Que ela tivesse junto com ele pro que der e vier, como ele tava pra ela.

Mas Low não queria sentir nada, ela tomava remédios pra não sentir. Ela não falava que era *pra isso,* mas era. Não era uma crítica aos remédios, ele não queria que ela parasse, mas também *meio* que *era*. E queria.

Dava pra perceber. Ele nunca viu a Low chorar em situação nenhuma e ela fala que são os remédios. O que ele não daria pra um dia chegar e chorar sabendo que ela ia chorar com ele. Chorar sozinho é patético. Ela ia chegar e consolar ele e tranquilizar como se fosse isso. Como se ela tivesse que... Como se...

E ele era meio que o filho dela nessas horas. Um meninão. Um moleque. Porque esse cuidado que ela exercia no automático era também um distanciamento. Era uma *cara* assim como ser *trafica* era uma *cara* pro なに.

Mas aí cê segue essa ideia até seus finalmentes e só uma dessas muralhas serviu de colchão de tiro. A coisa era unilateral e ele não podia falar nada. Ele nem sabia ao certo o que falar.

Tá que da parte dele era crime e da parte dela era só incômodo e quem sabe um tanto de prepotência. *Tá* que ele tava comparando coisas diferentes. Mas nem tanto.

E o pulo-do-gato era que *porque* o rolê dele era diferenciado era que ela se achava justificada em se colocar nessa posição. Tava tudo muito bem encaixado.

なに tá tão fodidamente sozinho no mundo que tem medo que se ele cobrar essa solidão ela vinga. Tipo, que se ele de fato der forma pra ela — se ele fizer ela ser — ela existiria mesmo. A solidão. Ele só sabia viver rodeando a hipótese. Mais ou menos. E que se ele perder a Low ele não vai ter mais ninguém nunca mais nessa vida. O que ele sabe que não é verdade. Mas é o que ele s*ente* como sendo vero. *Sozinho.*

なに tá tão *fodidamente* sozinho que é possível que nem falar sobre essa solidão ele sabia mais. Tava meio incomunicável. Tava tosco mesmo.

O pulo de perceber isso e *entender* isso era um — isso o なに pensando — que a Low não tava afim de fazer medicada. Entender de s*entir*. E sentir de s*entir mesmo*. E o なに sabe que da última vez que a Lô ficou sem os remédios ela fez uma besteira. Então não era isso. Não era. Ele não queria ver ela daquele jeito. Não é uma parada autodestrutiva e atrasadora-de-vida que ele queria sentir e queria que ela sentisse com ele. Não.

Ele nunca desejaria mal pra ela. Pra ele mesmo sim, é ladainha. Mas não pra ela. Era assim que ele sabia que não era ruim isso que ele queria pra ela, na cabeça dele. Do mesmo jeito que a Dora querendo que eles terminassem não era uma parada de querer prejudicar ninguém. Ele não era tão idiota a ponto de achar que era.

Ele só queria se deixar capotar numa revelação que desse sentido pra vida dele igual ele via que ela tinha. Igual ele via que ela não via que ela mesma tinha, mas tinha. Só que ele não sabia exato como formular esse pensamento.

Porque ela — e o sentido dela — não podia ser o sentido dele. Não mais. E porque ele, também, não podia ser o sentido dela porque — e só porque — ela não se via e não via nela mesma esse sentido próprio. *Mó doidera*.

Sepá eles tinham que terminar. Não que ele quisesse.

Não quando ele sabia que ela não queria terminar, também. Low falou que Dora falou que ela queria, a Low. Só não sabia que queria ainda.

Fora os dois, todos querem. Então não adianta ouvir ninguém quanto a isso. Mas pode ser que ela quisesse também e só tava sem as caras de falar pra ele. Que ela tava se sacrificando sem ninguém pedir nada, como ela era conhecida por fazer.

Se eles terminassem, Lohana ia sair da vida dele sem deixar nada pra trás — ia sair *arrastando tudo* なに afora. E se ele não deixasse — como num lugar muito ruim e obsessivo, ele pensava em não deixar — ia ser pior.

Chorar. Implorar. Deitar o joelho no chão e inventar uma história. Prometer. *Pra quê?*

Porque ele nunca ia se perdoar. Até aí tudo bem. Mas ele ia arrastar ela junto pra essa merda. E isso ele não ia fazer. *Nunca*. なに não sabia o que fazer. Sabia, pelo menos, que a Low também não sabia. E eles nessa.

Era isso. Mas até quando? No meio das garrafas de pinga, a urna do Capa dava pra ele os mesmos conselhos que o próprio Capa em vida deu. Que seu véio também dava. Que a véia. Ele tava muito sozinho.

Falando com ele — o なに —, de falar mesmo, só o Gino Paoli. Só as buzinas de Basta Chiudere Gli Occhi ressoando na cabeça vazia e de merda dele. Essa cabeça oca de quem ainda sonha. De quem acha que a vida é Tang.

As buzinas ecoando e contornando umas imagens nessa cabeça espaçosa dele. O boteco um palácio mental. Nele, o mundo vai de aparte como se se descolasse embaixo da calçada pra ficar pra trás. *Zathura*.

E no espaço, no vazio, só a Clip Mania no volume máximo — o filho do Capa tinha medo do なに, parece que todo mundo tinha —, uma nota de dois, o bar e o Nani *fumadasso* e do lado duma biscatinha de Crystal. Mais do lado, uns cinco cascos.

Ma ti basta di chiudere gli occhi... Flutuando no absoluto. *Per verdere quel che tu vuoi vedere... e... e...*

a morte conforme conta a corrente © 2023 by Luan Michetti is licensed under CC BY 4.0. To view a copy of this license, visit Creative Commons

MAR 2023